



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III**  
**COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA – CCP**

**SIMARA SOARES NUNES**

**O RACISMO RELIGIOSO E A FORMAÇÃO DA (O) PEDAGOGA (O): uma reflexão  
com estudantes do curso de Pedagogia da UNEB DCH III**

**JUAZEIRO – BAHIA**

**2022**

**SIMARA SOARES NUNES**

**O RACISMO RELIGIOSO E A FORMAÇÃO DA (O) PEDAGOGA (O): uma reflexão  
com estudantes do curso de Pedagogia da UNEB DCH III**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de grau do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Departamento de Ciências Humanas – DCH, Campus III da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Aurilene Rodrigues Lima

**Juazeiro – Bahia**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

N972r Nunes, Simara Soares

O racismo religioso e a formação da (o) pedagoga (o): uma reflexão com estudantes do curso de Pedagogia da UNEB DCH III / Simara Soares Nunes. Juazeiro-BA, 2022.

58 fls.: il.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aurilene Rodrigues Lima.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1. Liberdade (Teologia) – Direito civil. 2. Racismo religioso. 3. Formação do pedagogo. 4. Curso de pedagogia. 5. Pedagogia – UNEB DCH-III. I. Lima, Aurilene Rodrigues. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 261.72026

**SIMARA SOARES NUNES**

**O RACISMO RELIGIOSO E A FORMAÇÃO DA (O) PEDAGOGA (O): uma reflexão  
com estudantes do curso de Pedagogia da UNEB DCH III**

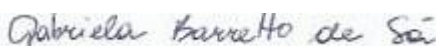
Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de grau do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Departamento de Ciências Humanas – DCH, Campus III da Universidade do Estado da Bahia.



Prof.<sup>a</sup> Dra. Aurilene Rodrigues Lima

UNEB – CAMPUS III

Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Dra. Gabriela Barretto Sá

UNEB – CAMPUS III

Avaliadora



Ma. Sheila Feitosa Santos

UNEB – CAMPUS III

Avaliadora

Aprovada em 21 de julho de 2022.

**JUAZEIRO – BAHIA**

**2022**

*Dedico este trabalho ao meu tio, conhecido por Mazinho (em memória), durante todos os momentos que compartilhamos juntos ele dizia que o sonho dele era me ver formada e fazer uma grande festa para comemorar. Infelizmente ele não está presente fisicamente entre nós para festejar essa conquista, mas tenho certeza que, onde quer que ele esteja, ele está muito feliz.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Exú, por abrir caminhos e me acompanhar ao longo dessa caminhada e mostrar que tudo é no tempo certo, como diz Pai Joaquim: não precisa correr.

Agradeço a meu pai Xangô, minha mãe Yemanjá, a Zé Pilintra e todos que me acompanham espiritualmente, mostrando que eu não estou sozinha, que minha ancestralidade se faz presente, “sou uma, mas não sou só”.

Agradeço a mainha, Sandra Soares, pois sem ela eu não teria conseguido. Por embarcar nesse sonho comigo e me apoiar nas minhas decisões, respeitá-las e me encher de amor.

As minhas avós e meus avôs deixo minha eterna gratidão, são meus exemplos de vida, de amor e orgulho, ancestrais que fazem-me lembrar de onde eu venho e onde posso chegar. E a todes meus familiares pelo apoio e incentivo.

Muitas pessoas foram fundamentais para que essa pesquisa fosse realizada, dentre elas minha orientadora, Aurilene Rodrigues, que com toda calma e paciência não me deixou na mão e me orientou muito bem até aqui. Um agradecimento em especial ao Coletivo de Assessoria Jurídica Universitária Popular Luiz Gama – CAJUP LUIZ GAMA UNEB – um projeto coordenado pela professora do curso de Direito, Dra. Gabriela Sá. O CAJUP foi meu apoio durante os momentos mais intensos da universidade, foi quem me apresentou Luiz Gama, Sueli Carneiro e tantas outras mulheres negras, foi onde debatemos, estudamos autores negros e negras que eu não vi em nenhum momento durante o curso de Pedagogia.

Aos meus filhos felinos, que foram cedo para o reino dos animais: Tedy e Fidel, meus companheiros de anos em todos os momentos. E aos que se fazem presente em terra: Frodo e Jurema, meus grudentos amorosos.

Aos meus amigos, que se fazem presentes em todas as circunstâncias e que acreditam no meu potencial, em especial a Renata Reis, Débora (Dinda) e Tuani, que mesmo morando longe se fazem presentes, mostrando que amizade é mais que presença física. A todes vocês o meu amor.

A minha companheira, Maíza, que me motiva a acreditar nos meus sonhos, que tem me permitido vivenciar o amor em forma de ação, que me acompanha nessa travessia e que tá disposta a embarcar nas aventuras comigo. Todo meu amor por essa mulher.

Por último, mas não menos importante, pelo contrário, muito importante, eu mesma. Por não ter desistido de todo silenciamento dentro da Universidade e ter enfrentado todas as batalhas até aqui. E as próximas que virão.

Laroyê! Saravá! Axé!

***Tranca Ruas Dono do Meu Caminho***

*Quando o Sol aqui não mais brilhar*

*Quando a Lua o seu clarão refletir*

*É sinal que está na hora*

*É ele quem chega agora*

*Já deu meia noite*

*Tranca rua é quem chega aqui (...)*

*E toda vez que na rua eu caminhar*

*E ouvir ao longe sua voz a ecoar*

*Tenho certeza que agora não ando sozinho*

*Seu Tranca rua é o dono do meu caminho*

*Tião Casemiro*

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou fazer uma reflexão com estudantes do curso de Pedagogia – UNEB DCH III, localizada em Juazeiro – BA, buscando compreender como lidam a respeito da temática sobre o racismo religioso e a educação, trazendo então um debate sobre o currículo e a formação desses futuros Pedagogos. A pesquisa proporcionou evidenciar as construções que os discentes têm com relação ao tema e identificar opiniões com a finalidade de discutir a descolonização sobre o currículo do curso. Esse estudo foi realizado com estudantes do quinto e oitavos períodos por meio de abordagem qualitativa, utilizando a técnica da entrevista semiestruturada. A metodologia utilizada foi análise do discurso. As principais considerações indicam que o racismo religioso ainda perpassa o espaço universitário por meio de docentes que reproduzem um discurso eurocêntrico e sem uma prática antirracista. Os discentes não se sentem preparados para desconstruir o racismo religioso acerca das religiões de matiz africana ou um possível caso de racismo.

**Palavras-Chave:** Racismo; Religião; Educação; Pedagogia; Universidade.

## RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo hacer una reflexión con los estudiantes del curso de Pedagogía - UNEB DCH III, ubicado en Juazeiro - BA, buscando entender cómo tratan el tema del racismo religioso y la educación, trayendo entonces un debate sobre el plan de estudios y la formación de estos futuros Pedagogos. La investigación permitió evidenciar las construcciones que los alumnos tienen en relación con el tema e identificar opiniones para discutir la descolonización del currículo del curso. Este estudio se llevó a cabo con estudiantes de los períodos quinto y octavo mediante un enfoque cualitativo, utilizando la técnica de la entrevista semiestructurada. La metodología utilizada fue el análisis del discurso. Las principales consideraciones indican que el racismo religioso sigue impregnando el espacio universitario a través de profesores que reproducen un discurso eurocéntrico y sin una práctica antirracista. Los estudiantes no se sienten preparados para deconstruir el racismo religioso sobre las religiones de tinte africano o un posible caso de racismo.

**Palabras clave:** Racismo; Religión; Educación; Pedagogía; Universidad.

## **ABSTRACT**

This research aimed to reflect with students from the Pedagogy course - UNEB DCH III, located in Juazeiro - BA, seeking to understand how they deal with the issue of religious racism and education, thus bringing a debate about the curriculum and the training of these future Pedagogues. The research provided evidence of the constructions that students have in relation to the theme and identified opinions with the purpose of discussing the decolonization of the course curriculum. This study was carried out with students from the fifth and eighth periods through a qualitative approach, using the semi-structured interview technique. The methodology used was discourse analysis. The main considerations indicate that religious racism still permeates the university space through professors who reproduce a Eurocentric discourse without an anti-racist practice. The students do not feel prepared to deconstruct religious racism about African religions or a possible case of racism.

**Key-words:** Racism; Religion; Education; Pedagogy; University.

## **Sumário**

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>1 - ROMPENDO AS CORRENTES: DO ATEÍSMO À MACUMBA</b>	14
<b>2 - O RACISMO RELIGIOSO E A EDUCAÇÃO: UMA NOVA TRAVESSIA</b>	20
<b>3 - O RACISMO RELIGIOSO E O DISCURSO: UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL</b>	24
<b>4 - O RACISMO RELIGIOSO E A FORMAÇÃO DAS (OS) PEDAGOGAS (OS): DO NÃO DIZER AO NÃO SABER</b>	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	34
<b>REFERÊNCIAS</b>	35
<b>ANEXOS 1 – ENTREVISTAS</b>	36
<b>ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)</b>	57

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto das inquietações acerca da escassez dos debates sobre o racismo religioso na formação dos estudantes do curso de Pedagogia, na UNEB CAMPUS III. O racismo religioso é algo que ainda é presente na nossa sociedade, resultado de um racismo estrutural que permeia desde o período escravocrata. Esse racismo perpassa pela sociedade causando violências das quais as religiões de matriz africana são as que mais são atingidas por esse crime, de modo que são religiões que tem sua origem junto aos povos africanos que vieram para cá escravizados e trouxeram suas culturas.

Ao longo do curso, enquanto graduanda, pude perceber a falta desses debates dentro da academia, e quando houve qualquer menção as religiões de matriz africana os comentários eram rasos e/ou preconceituosos, fazendo com que despertasse em mim a inquietação em pensar que seriam aqueles (as) estudantes de falas preconceituosas que iriam sair da Universidade para espaços educacionais carregando consigo preconceitos. Nesse sentido, sabemos que é na Universidade que se aprende como é a educação na teoria. Mas qual seria essa educação? Como estudantes do curso de Pedagogia da UNEB DCH III compreendem o Racismo Religioso?

A pesquisa objetivou fazer uma reflexão com estudantes de Pedagogia, buscando saber como lidam a respeito da temática, o que sabem, pensam e viram ao longo do curso, trazendo então um debate sobre o currículo e a formação dos e das discentes, tendo em vista que a Universidade é um espaço do qual deveria problematizar e refletir sobre o racismo como um todo, mas, em contrapartida torna-se apenas mais um ambiente que reproduz o racismo, trazendo apenas uma perspectiva eurocêntrica para ser trabalhada. Assim como refletir sobre o tema, a pesquisa proporcionou saber quais os conceitos os/as discentes têm com relação ao tema e identificar as opiniões com a finalidade de discutir sobre a descolonização do currículo do curso de Pedagogia – UNEB DCH III.

A pesquisa foi realizada com estudantes do quinto e oitavo períodos do curso de Pedagogia, UNEB CAMPUS III, que aconteceu no próprio espaço universitário dentro de uma abordagem qualitativa, considerando as falas dos entrevistados, seus posicionamentos por meio da técnica da entrevista semiestruturada. A escolha dos entrevistados se deu por ter aproximação com quem iria ser entrevistada (o) para saber se aceitariam participar da pesquisa. Ao todo foram entrevistadas seis estudantes, sendo cinco mulheres e um homem. Dos seis

participantes, quatro foram do quinto período e dois do oitavo. Por estarem em final de curso e escrita de TCC, houve dificuldade em entrevistar mais pessoas do oitavo período.

A opção entre o quinto e o oitavo períodos surgiu por conta que a única disciplina que fala sobre Educação e Cultura Afro-brasileira é ministrada no sexto semestre. Dessa forma buscou-se refletir se antes dessa disciplina o que o currículo do curso oferece com relação a temática. E do oitavo semestre para saber se estão saindo do curso preparados para lidarem com situações que envolvam racismo religioso nos espaços educacionais, sejam eles formais ou não formais.

A metodologia abordada foi a Análise do Discurso com base em Michel Foucault (1996), a partir das falas dos (as) entrevistados (as), para que dessa forma pudesse ser feito uma reflexão acerca do que é o racismo religioso e de que forma ele está presente na formação acadêmica.

Para essa análise utilizei teóricos que tratam das questões da educação e do racismo religioso numa perspectiva decolonial, a saber: hooks (2017)<sup>1</sup>, Almeida (2019), Rufino (2021), Nogueira (2020), Van Dijk (2008). Esses autores me ajudaram a estabelecer um diálogo com os entrevistados e a refletir sobre os seus discursos. Dessa forma a pesquisa resultou em pautar um currículo que seja descolonizado fazendo com que a cultura africana seja transmitida para a população de forma didática e reflexiva, trazendo novas histórias e novos olhares para essa cultura. Esse discurso compartilhado com estudantes passa pela forma como professoras (es) estão dispostas (os) a falar sobre o racismo e seus impactos causados na sociedade.

---

<sup>1</sup> Utilizarei sempre a escrita de hooks com letra minúscula considerando que a mesma utiliza como um posicionamento político que busca romper com as convenções linguísticas e acadêmica.

## 1 - ROMPENDO AS CORRENTES: DO ATEÍSMO À MACUMBA

A minha aproximação das religiões afro-brasileiras se deu pela curiosidade de saber se a religião era exatamente como as pessoas diziam ser. Durante minha infância eu não tive nenhum contato com pessoas dessas religiões, nesse caso só sabia o que diziam: que era errado, era do demônio. E nas escolas pelas quais passei, o debate era escasso. Não tenho nenhuma lembrança de ouvir e/ou estudar sobre essas religiões nas aulas de ensino religioso, por exemplo. E em casa não era diferente. Meus pais eram católicos, mas não frequentavam a igreja, e não tiveram nenhuma informação positiva sobre a umbanda ou o candomblé. Na cidade da qual sou natural, Curaçá – BA, uma cidade do interior, existia, até então, dois terreiros que eram mais populares, o de Maria do Acarajé, e o de João Filho dos quais eu só conhecia por ouvir falar que “mexiam com coisas erradas”.

Meus pais não eram de conversar sobre essas questões de religião, então, apesar de ter feito a catequese, eu era pouco envolvida com essa temática, eu não ligava. Ainda assim, na adolescência comecei a questionar a existência de Deus. Logo que eu me descobri lésbica e diziam ser pecado, eu me questionava a respeito da existência de um ser divino, que diziam amar a todos, mas que condenava pessoas que amavam outra do mesmo sexo. E à medida que ia compreendendo sobre minha orientação sexual, eu deixava de acreditar em Deus, um homem branco, loiro e dos olhos azuis, que ainda é representado até hoje dessa forma. Então eu cresci me considerando uma pessoa ateuísta.

Ainda na adolescência comecei a fazer novas amizades, conheci pessoas das quais frequentavam terreiros de umbanda e candomblé, e assim foi despertando curiosidade sobre essas religiões. Curiosidade para saber se lá acontecia exatamente o que as pessoas falavam: que faziam “trabalhos, amarrações e trazia o amor de volta em 3 dias”. Em 2017, eu tive a oportunidade de conhecer o terreiro de João Filho, em Curaçá – BA. E até hoje eu lembro a frase que minha irmã, que por sinal é evangélica, falou: vai encontrar o demônio. Ao chegar no terreiro não vi nada demais, e não, não encontrei o demônio.

O terreiro não tinha nada demais. Pessoas vestidas de branco, rezando. Na verdade, parecia mais uma missa católica. Talvez a princípio tenha pensado dessa forma porque por dizerem tanto que era do demônio, imaginei que seria algo supernatural. Mas também veio uma decepção. Parecia mais uma missa católica, e missa eu já conhecia. E à medida que eu fui conhecendo mais sobre essas religiões, fui me aproximando mais delas, compreendi que cada

Terreiro/casa tem seu modo de agir, suas funções, seus fundamentos e que não existe um padrão onde todas devam seguir. Ao fazer leituras sobre percebi que o racismo faz parte do motivo pelo qual a umbanda e o candomblé são vistos como “demoníacas”, tudo que vem de pessoas pretas é considerada do demônio e não é aceita. Ainda em 2017, eu entrei na Universidade e fui ampliando meu conhecimento, fui saindo da minha bolha e me permitindo vivenciar as religiões de matriz africana, nesse caso eu entrei na Universidade ateuista, mas já curiosa para conhecer cada vez mais a umbanda e o candomblé.

Nesse espaço conheci pessoas que falam dessa temática, que pesquisam sobre e comecei a me questionar o porquê desse debate não chegar às escolas da forma que deveria, já que existe a Lei 10.639/2003, onde essa legislação é para falar sobre a cultura afro-brasileira. Mas, há uma lacuna com essa regulamentação, desde quando passou a existir ela é pouco trabalhada nas escolas. Cada vez que eu me aproximava mais da umbanda e do candomblé, eu percebia que a falta de informações fazia com que as pessoas tivessem uma visão errônea com essas religiões. Participar de projetos de pesquisa dos quais abordam essa temática fez com que eu aprendesse mais na teoria o que eu não tive nenhuma oportunidade de saber no período da escola. E quem não tem essa oportunidade de conhecer essas religiões em outros espaços? Por isso é necessário que a Universidade aborde discussões acerca desse tema para que assim Pedagogas (os) percebam a importância de pautar as religiões afro-brasileiras nos espaços escolares.

Além do despertar que a teoria me proporcionou, foi ainda fazendo parte da Universidade que eu vivenciei a primeira experiência de conversar com uma entidade (espírito que pode se comunicar com as pessoas através de um médium), marinho (uma pessoa que já desencarnou). Visitei um terreiro de umbanda em Petrolina – PE, do qual não me recordo o nome, e pude então conversar com uma entidade, e inclusive, estava com algumas dúvidas com relação ao curso, algumas pendências para resolver e esse diálogo que eu tive com ele foi fundamental nas minhas decisões. A pedagogia da oralidade que existe dentro dos terreiros é incrível, ter a oportunidade de conhecer e conversar com as pessoas que frequentam esses espaços é fundamental para nossa formação e isso está para além da religião em si.

Desde então, eu busquei saber mais além da teoria, e fui conhecer outro terreiro, e nesse eu pude então vivenciar as melhores descobertas a respeito da ancestralidade, sabedoria, amor próprio, equilíbrio e tantas outras coisas das quais se eu tivesse ficado apenas na minha bolha não teria tido essa vivência. Conhecer terreiros, participar das festividades e me permitir ter essa troca de conhecimento fez com que eu me libertasse das correntes que o próprio sistema

nos coloca, correntes das quais nos aprisionam apenas em um único discurso e faz com que não se questione que há algo sendo contado de maneira distorcida.

Com a oportunidade de juntar a teoria e a prática, enquanto estudante, entrei em um projeto de pesquisa coordenado pelas professoras do curso de Jornalismo em Multimeios, Dra. Márcia Guena e Dra. Ceres Santos. O projeto que tem como nome Imagens e Histórias das Religiões de Matrizes Africanas de Juazeiro – BA, busca desenvolver um mapeamento participativo com os terreiros do município, contando um pouco das suas histórias e assim lutar contra o racismo religioso na cidade. No projeto fizemos vários debates teóricos, como a fundação do primeiro terreiro na Bahia e sobre o mapeamento. Após debates realizados e as leituras feitas colocamos em prática a ida aos terreiros para ser feito os mapeamentos e dessa forma dar visibilidade a esses povos, uma forma que a Universidade viu de romper com as barreiras acadêmicas.

Esse anseio em conhecer cada vez mais as religiões afro-brasileiras, despertou o desejo de falar sobre elas dentro da Universidade, principalmente com estudantes do curso de Pedagogia, já que são esses estudantes que irão para os espaços educacionais, e tema como esse deveria ser mais visto ao longo do curso.

Costumo dizer que existe um antes, um durante e um depois no meu processo acadêmico, pois entrei ateu, me permiti conhecer as religiões de matriz africana e estou saindo dela macumbeira. A Universidade nos abre um leque de conhecimento. Mas, ainda assim, existe essa lacuna quando se fala das religiões de matriz africana. A Universidade ainda tem um modelo eurocêntrico e foi fazendo parte do Coletivo de Assessoria Jurídica Universitária Popular Luiz Gama – CAJUP LUIZ GAMA UNEB, coordenado pela professora Dra. Gabriela Sá, que eu tive a oportunidade de conhecer autores negros e negras que falam sobre educação, e essa junção do Coletivo com a macumba despertou meu interesse por uma educação descolonizada. E tudo isso me remete ao meu ensino na escola, pois não me recordo de estudar sobre autores negros e negras e muito menos umbanda, candomblé. Nesse sentido, a Universidade fez com que eu percebesse o quanto ainda precisamos lutar por uma educação que seja inclusiva em todos os aspectos e dessa forma ela tem a chance de ser acolhedora com todos e todas que passam pelos espaços educacionais, sejam eles Escolas, Colégios, Universidades.

Essa questão surge a partir de um debate realizado em sala de aula, na disciplina de Sociologia e Educação II a respeito do tema amor líquido, do sociólogo Bauman<sup>2</sup>. Nesse debate

---

<sup>2</sup> BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 258 p.

surgiu o questionamento: que tipo de amor é esse que se sente no direito de agredir, apedrejar Terreiros de religiões de matriz africana? Tendo em vista que um dos principais fundamentos que encontra-se nos mandamentos cristãos diz: "amarás o teu próximo como a ti mesmo" e partindo desse debate aconteceu um episódio problemático da fala de uma mulher, evangélica, estudante do curso de Pedagogia, onde foi dito que apedrejar e destruir terreiros era normal, já que eles deixavam as macumbas no meio da rua. Após essa fala preconceituosa houve a necessidade de explicar que é crime violar os espaços de terreiros e a respeito das oferendas que surgiram no período escravocrata que era deixado para os negros nos momentos das fugas.

Voltando para o debate sobre o amor líquido, é importante compreender que o amor é mais que sentimento, é uma ação que pode transformar o poder que domina nossa sociedade.

Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento. (hooks, 2021, p. 47).

Nesse caso, é contraditório seguir um fundamento que se encontra na bíblia com relação ao amor para com o próximo, sendo este próximo um praticamente de fé diferente da que predomina e que têm mais poder na atual sociedade brasileira, a cristã.

Sabemos que infelizmente o racismo está enraizado na sociedade, e com isso, as religiões de matrizes africanas acabam sofrendo dentro das escolas quando se fala em religiões. Muitos professores e professoras não sabem (e não querem aprender) a lidar com esse multiculturalismo dentro da sala de aula e acabam silenciando estudantes dessas religiões. Como diz Almeida (2019, p. 71), “no fim das contas, ao contrário do que se poderia pensar, a educação pode aprofundar o racismo na sociedade.”

O racismo, por fazer parte da nossa estrutura, não significa que ele deva permanecer nela, é uma questão complexa que existe desde o período colônia, mas que precisa ser modificado, e para modificar as estruturas é necessário que os indivíduos estejam conscientes dos seus papéis na sociedade, e essa conscientização surge a partir dos espaços dos quais nos encontramos, sejam eles Universidades, Escolas, Empresas. Segundo Almeida (2019), a sociedade por ser racista todas as instituições acabam sendo racistas também, já que o racismo passa a ser algo reproduzido. Por isso é válido a movimentação nas estruturas. É o movimento que causa a modificação.

O racismo religioso perpassa pela estrutura e seus impactos na sociedade causam violências das quais os terreiros de religiões de matriz africana sofrem diariamente, bem como as pessoas praticantes dessa religião. Desde a chegada dos povos negros ao país para serem

escravizados o racismo religioso passou a fazer parte do seu cotidiano. A religião cristã veio juntamente com os colonizadores e foi mais aceita e bem vista por ter vindo do branco eurocêntrico, enquanto as religiões de matriz africana trazida pelos negros e negras era vista como coisa do demônio. A religião também está ligada ao poder, se o homem branco é visto como poderoso, tudo que está ligado a ele é bem aceito na sociedade, e nesse caso, a religião não seria diferente, já que é predominantemente branca. Tais impactos reverberam inclusive para pessoas brancas que são praticantes de religiões de matriz africana. Para Nogueira (2020), o racismo religioso está ligado a origem da religião, incluindo suas práticas e seus rituais uma vez que foge do padrão hegemônico.

Com isso, a pesquisa traz oportunidade de refletir a mudança que queremos no mundo, sendo essa ação uma forma de colocar em prática os conceitos abordados em sala de aula, como aponta hooks (2013, p. 26), devemos “agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo.” Sendo assim, é importante se perguntar como os (as) estudantes do curso de Pedagogia, UNEB, DCH III compreendem sobre o racismo religioso.

Na Universidade, falar sobre religião de matriz africana ainda é tabu, só tem uma disciplina sobre cultura afro-brasileira e não dá para aprofundar em muitas questões. Lembro-me de uma entrevista que eu fiz para estudantes do 8º período, em 2019, a respeito desse assunto e eles disseram que não se sentiam preparados (as) para alguma situação de intolerância religiosa em sala de aula. E que na época que eles tiveram aula desse componente curricular, quem ministrou a aula foi um professor, ele fez o convite a turma para conhecer um terreiro de matriz africana e a turma recusou a ir, pois a maioria era evangélica e não andava nesses espaços, acabou que não houve essa visita para conhecer o terreiro. Durante minha trajetória pelo curso de Pedagogia, UNEB DCH III, pude observar que havia estudantes evangélicas (os) com discurso conservador e discriminatório, que chegaram na Universidade com uma bagagem de pré-conceito e muitas vezes não se permitem abrir o leque de conhecimento e saem da Universidade reproduzindo o silenciamento e a discriminação, é válido ressaltar que essa narrativa não se faz presente somente no meio evangélico, são profissionais que tentam de alguma forma colocar suas crenças acima da multiculturalidade que é o espaço escolar.

A educação tem como papel fundamental debater e refletir sobre assuntos dos quais ainda estão enraizados na nossa sociedade. De maneira coletiva é possível que educadores e discentes sintam-se acolhidos e respeitados dentro do espaço educacional. Esse papel surge logo na graduação, é lá que pedagogos e pedagogas passam a conhecer a teoria educacional e a sonhar com uma educação da qual seja acolhedora para todos, onde essa educação esteja no ato

de viver, sonhar e desejar, para além do conhecimento teórico. É na Universidade que se aprende como é a educação de fato na teoria. Mas qual seria essa educação? Como estudantes do curso de Pedagogia da UNEB DCH III compreendem o Racismo Religioso?

O curso de Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia ainda reproduz textos dos quais são produzidos por homens brancos, europeu, nesse sentido, é importante que a Universidade proponha discussão decolonial, tendo em vista que serão esses estudantes que irão está nas escolas futuramente. Pensar no papel da educação é sobretudo contestar de onde a mesma vem e saber para onde deseja direciona-la, assim faz com que possamos então construir uma educação descolonizada.

## 2 - O RACISMO RELIGIOSO E A EDUCAÇÃO: UMA NOVA TRAVESSIA

A sala de aula na Universidade nos mostra a diferença nos tipos de educação que aprendemos. Segundo hooks (2017), há uma diferença na educação que pratica a liberdade e a educação que corrobora com a dominação eurocêntrica.

Enquanto estudante universitária é considerável que se perceba a hierarquização diante dos assuntos que são apresentados na Universidade, sendo a maioria escritos por homens brancos com uma perspectiva eurocêntrica. Para romper com essa estrutura é necessário ter estratégias decolonial e um despertar consciente da sociedade da qual pertencemos. Para Rufino (2021, p.16), “é o que afirmo: a principal tarefa da educação é a descolonização”. O papel pedagógico é fazer com que o conhecimento seja partilhado de forma que desperte críticas a respeito do modelo educacional que nos é apresentado diariamente, nesse contexto universitário é importante que se faça uma reflexão acerca do que é ser Pedagoga/o.

A educação é uma ciência que traz de forma social e educativa compreender em termos mais amplos as questões sociais dos indivíduos marginalizados inseridos na sociedade, buscando dialogar com suas identidades, culturas, contextualização, fazendo com que esses indivíduos se encontrem nos espaços inseridos. É indiscutível que o papel da/o pedagoga/o é fundamental para a transformação de sujeitos na sociedade. Para hooks (2017), a educação é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender, esse processo parte quando educadores têm ânsia em partilhar conhecimento e coragem para transgredir no mais íntimo desejo de inspirar e transformar.

Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo. (hooks, 2019, p. 25)

Dessa forma, a Pedagogia por ter ampla atuação, possibilita transversalizar por espaços formais e não formais, está muito além do que se aprende no espaço acadêmico, é um curso do qual atravessa as diferenças que existem na sociedade, onde a/o Pedagoga/o pode atuar e vivenciar realidades e construir saberes baseados na troca mutua.

A falta de discussão dentro da Universidade com relação ao racismo religioso perpetua em como as/os discentes se sentem ao discorrer a respeito do assunto. Durante a pesquisa foram

ditas falas que refletem em como eles/elas se encontram ao serem questionados se o curso de Pedagogia, UNEB DCH III aborda discussões a respeito do tema, como a fala da estudante Raquel (2022), do quinto período, vespertino, de Pedagogia:

Até o momento, que eu estou no quinto período, até o momento eu não vejo nenhum debate a respeito. Até porque, assim, a gente já está começando a tá em estágio, a entrar no mercado de trabalho e hoje em dia a gente, hoje em dia, assim, as pessoas estão tendo aos poucos ainda de uma forma bem tímida a oportunidade de se expressar na escola. Então, se a gente não entende a realidade de uma religião de uma criança, como é que a gente vai aprender a passar aquele conteúdo, a respeitar, se comunicar, entender, até trazer uma certa compreensão para as outras crianças da sala? Em relação à investigação, entender a cultura e tudo mais, assim como é feita com o cristianismo. Então eu acho que assim, até o momento, eu não tive ainda, de acordo com grade da UNEB aqui, um esclarecimento a respeito disso, do ensino realmente religioso, mas não uma religião só.

Dessa forma, faz-se necessário questionar de que maneira a Universidade contribui ou deixa de contribuir para que a educação permaneça repetindo violências das quais atingem uma população que traz consigo uma religião que ainda é vista como “coisa do diabo”. Assim, faz-se necessário a aplicação da Lei 10.639/2003. É importante que a aplicação da Lei nos espaços educacionais esteja de forma articulada e presente nos currículos como ações corriqueiras, caso contrário, torna-se ações isolada. Para Bernardo, Maciel e Figueredo (2017), o próprio racismo dificulta na concretização da lei nas escolas.

Instituída a partir de lutas sociais empreendidas, em desigualdades raciais no ambiente escolar, essa lei não consegue ser implementada devido, justamente, ao próprio racismo. (BERNARDO, MACIEL E FIGUEREDO, 2017, p. 14)

Nesse sentido, desaprender o que se aprende ao longo do processo universitário é estar disposta/o a encarar esse sistema racista. Tudo que aprendemos nos atravessa e traz oportunidades de vivenciar novas experiências, dessa forma acontece com a educação, a partir do momento que ela nos mostra só um lado da história, o que nos atravessa enquanto pessoas pretas e macumbeiras, por exemplo, são violências das quais vivenciamos em espaços que deveriam nos fazer atravessar de forma responsável e afetiva. Para Rufino (2021, p. 13), “a educação é o que marca nosso caráter inconcluso enquanto sujeitos e praticantes do mundo.” A educação é um processo de autoconhecimento, cura, é preciso estar atento a sensibilidade das pessoas presentes nesses ambientes, principalmente pessoas pretas.

O racismo religioso aparece muitas vezes de forma escancarada dentro da Universidade, a partir do momento que não se fala sobre, compactua com a ideia de que ele não existe, dessa forma permanece no conformismo. De modo que ao longo da pesquisa, com as entrevistas realizadas com estudantes as falas delas/es foram repetitivas quando questionadas/os se o curso de Pedagogia contempla a temática durante seu processo de formação. Para Isla (2022), estudante do quinto período do curso de Pedagogia UNEB DCH III, vespertino, “não é de interesse da academia discutir sobre isso”.

Claro que não. É porque é assim, né... não é de interesse da academia discutir sobre isso, né? Já que a o babado todo é feito por uma pessoa, por uma... um tipo de coisa, que é branco, elitista, cristão.

Indubitavelmente, a educação que era para ser afetiva, acaba sendo excludente, é complexo falar sobre um tema fora da Universidade quando não é ensinado nenhum conceito e não há um debate sobre. A maioria da população brasileira é composta por pessoas negras, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018)<sup>3</sup> 56% dos brasileiros se consideram pretos e pardos, a porcentagem da escolaridade entre pessoas de religiões de matriz africana é baixíssima. Dessa forma, as pessoas se sentem inviabilizadas em falar sobre suas religiões no espaço escolar por medo da repressão e dos olhares de julgamento, tais olhares que carregam o racismo impregnado.

O colonialismo é presente na educação e para que essa mudança ocorra, faz-se necessário radicalizar a educação, e essa radicalização é fruto da descolonização partindo da Universidade, porque é nela de onde saem os/as educadores/as, nesse caso, Pedagogas/os para atuarem nos locais escolares.

Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos. Isso vale especialmente para os alunos. Antes de tentarmos envolvê-los numa discussão de ideias dialéticas e recíproca, temos de ensinar-lhes o processo. (hooks, 2017, p. 193).

A descolonização da educação parte do princípio de desafiar novas formas de ensinar, ou seja, é inevitável que docentes universitários busquem novas formas de pensar a docência para ensinar novas práticas pedagógicas, começando a trazer para as aulas autores (as) negros (as) fazendo com que essa temática possa ser desmistificada nas escolas a partir do momento

---

<sup>3</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – disponível em: <https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>  
Acesso em: 26 jun 2022.

que as/os graduandas (os) adentrem nesses espaços, seja para estagiar ou assumir de fato uma sala de aula ou coordenação.

A educação com afeto é prazerosa e faz com que se tenha uma relação mais afetuosa entre docentes e discentes, sem necessidade de reproduzir um sistema de dominação, hierarquização existente. Isso não tira autoridade das/os docentes, é possível manter o respeito e os limites, pois a sala de aula cria oportunidades de laços para além das matérias exigidas pelo currículo. Para hooks (2017), docentes engajados com a Pedagogia são responsáveis pela mudança de direção dos e das discentes.

Os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentam sua capacidade de viver profunda e plenamente. (hooks, 2019, p. 36)

Nesse sentido, é valioso ressaltar que existe uma multiculturalidade e que docentes reconheçam esse universo que é diversificado, a partir do momento que graduandas e graduandos são apresentados a essas perspectivas de dar aula, um passo é dado para a transformação da educação. O racismo religioso atravessa essa multiculturalidade e a forma como ele é inserido nos debates faz toda a diferença, isso quando é inserido.

### **3 - O RACISMO RELIGIOSO E O DISCURSO: UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL**

O discurso racista sobre as religiões afro-brasileiras está predominantemente presente nas religiões cristãs eurocêntricas, colocando as crenças afros como demoníacas. Para Nogueira (2020, p. 89), “o racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta”. De modo que todas as crenças que tidas como minorias sofrem repressão por conta desse discurso. Segundo Foucault (1996), é a partir do sujeito que o discurso é expressado.

A maior parte do tempo, eles se ligam uns aos outros e constituem espécies de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos. (FOUCAULT, 1996, p. 44)

As pessoas expressam seu preconceito a partir do discurso hegemônico onde as igrejas aderem ao que é verdadeiro ou falso, pecado ou não, essa discursiva segrega e violenta as práticas afro-brasileiras causadas pelo racismo, pela falta de conhecimento. Para Foucault (1996), o discurso verdadeiro pelo qual se tem respeito é pronunciado por quem tem direito a fala. O que é desconhecido causa medo, dessa forma, a falta de conhecimento sobre as religiões de matriz africana propaga o apagamento e divide o que é certo do que é errado. Esse discurso encontra-se presente dentro das instituições educacionais e causa uma reprodução responsável por manter o poder de fala.

Já que o racismo não é inato, mas aprendido, deve haver meios para esse processo de aquisição ideológica e prática. As pessoas aprendem a ser racistas com seus pais, seus pares (que também aprendem com seus pais), na escola, com a comunicação de massa, do mesmo modo que com a observação diária e a interação nas sociedades multiétnicas. (VAN DIJK, 2008, p. 15).

A reprodução do racismo religioso no espaço educacional pode partir por vários motivos, dentre eles o racismo e a falta de interesse dos docentes em buscar conhecer sobre o tema - por haver uma hierarquização onde o professor (a) vem primeiro - e de discentes, com a maioria sendo trabalhadores (as) e chefe de família sem ter tempo extra para pesquisar além do que é passado em sala de aula, e assim, cria-se uma narrativa de que não há disponibilidade para tal.

É importante destacar que a Universidade do Estado da Bahia - DCH III, fica localizada em Juazeiro, um município baiano onde a maior parte da população é negra, 73% segundo o

censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro e Geográfico (IBGE, 2010)<sup>4</sup>. Nesse sentido, deveria haver mais debates sobre a história afro-brasileira na instituição, arcabouço teórico sobre a cultura afro-brasileira existe, é necessário ensinar a história em uma outra perspectiva que não seja a eurocêntrica.

A chegada das Igrejas ao Brasil foi essencial para os colonizadores, mantendo e expressando sua fé firmemente. Para Nogueira (2020, p. 36), “a verdade é que o Brasil, como sociedade ocidental, não nasceu como uma democracia religiosa”. Essa afirmação faz com que a religião cristã se mantenha no poder nos dias atuais, muitas vezes com discurso de ódio. Os resquícios da colonização no cenário religioso causam impactos até hoje, como os ataques violentos de forma verbal ou física às pessoas que compactuam com as crenças afro-brasileiras.

A incitação à intolerância, sobretudo em relação às religiões de matrizes africanas, parte dos discursos proferidos por pastores, padres e até autoridades políticas. Tudo em nome de uma agenda moral transformada em uma crença que se resume ao desejo de se encontrar uma solução rápida e mítica - no mau sentido da palavra - para os problemas de segurança pública, em busca de uma educação de qualidade, da manutenção de valores da suposta família tradicional e de uma política anticorrupção. (NOGUEIRA, 2020, p. 67).

Nesse contexto pode-se afirmar que diante da conjuntura atual dos governantes brasileiros, conservadores, neoliberais após o acontecimento do golpe de 2016 sofrido pela então presidenta, Dilma Rousseff, a população se sente legitimada para propagar mais ainda o racismo religioso. Para Nogueira (2020), o sistema racista serve para manter o poder de um grupo sobre o outro, de modo que apenas um pedido de desculpas resolva a situação violenta. O balanço geral feito pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2019)<sup>5</sup>, registrou que entre 2011 a 2018 foram recebidas mais de 500 denúncias de racismo religioso no Disque 100, isso reflete no poder de quem fala, o que fala e para quem fala. É importante que essas denúncias sejam realizadas para romper com a ideia de que só um pedido de desculpas se resolva, já que racismo religioso é crime. Na Bahia, em 2021<sup>6</sup> ocorreu a primeira condenação em segunda instância por intolerância religiosa.

Não é surpreendente que esta narração acerca do Racismo Religioso esteja interligada ao poder e que se adequa a um sistema branco cristão que goza de privilégios. Nota-se que

---

<sup>4</sup> Instituto Brasileiro e Geográfico – IBGE (censo 2010). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html> Acesso em: 26 jun 2022.

<sup>5</sup> Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos - <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/junho/balanco-anual-disque-100-registra-mais-de-500-casos-de-discriminacao-religiosa> Acesso em: 26 jun 2022.

<sup>6</sup> Ministério Público da Bahia - <https://www.mpba.mp.br/noticia/57651> Acesso em: 28 jun 2022.

esse discurso permanece em um sistema que viabiliza somente uma doutrina. Durante as entrevistas realizadas com estudantes do curso de Pedagogia - UNEB DCH III as falas foram semelhantes ao dizerem que na época da escola estudaram mais sobre uma religião. Na fala de Karlos (2022), estudante do curso de Pedagogia - UNEB DCH III, ele traz essa percepção:

Eu acho que dentro da escola já começa a ser inserido a partir do momento que você inicia... algumas escolas já fazendo oração então você está colocando ali já uma religião de uma certa forma ali, entendeu... Tem pessoas que não... têm crianças que não acreditam e tudo bem. E um ensino religioso, mesmo na matéria de religião, é algo que a gente vê que é pra única religião... que era falada era a católica. Tipo você não vê outras religiões, então eu acho que de certa forma já é inserido essas questões assim, uma única religião.

Para continuar com esse discurso montado por uma doutrina religiosa que segue os padrões eurocêntricos é necessária uma narrativa dominante, assim, partindo desse pressuposto entende-se que a religião cristã produz e controla o discurso que chega até os sujeitos, essa narrativa permanece presente dentro dos espaços religiosos que compactuam com esse sistema racista.

Esse discurso que se mantém firmemente na sociedade racista causa impactos inclusive na identidade dos sujeitos, pois a partir do momento que só se é apresentada uma única religião como a certa e a salvadora, que propaga um discurso de ódio, aqueles e aquelas que não se identificam com o que é dito passam a não se sentirem confortáveis em acreditar em um Deus que condena a todos por serem diferente do que é imposto: branco, hétero, cristão. Para Nogueira (2020, p. 79), “o racismo atua no apagamento de tudo cuja origem for ligada à identidade afro-brasileira.” A partir do momento que os sujeitos não se encaixam no padrão ou desejam buscar conhecer a história africana e suas culturas, desperta-se uma conexão com a religiosidade da qual não havia nenhum conhecimento, ou só ouvia discurso errôneo e preconceituoso. De acordo com o professor Sílvio Almeida (2019), o racismo é estrutural, compactua com o individual e o coletivo na sociedade.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem desarranjo institucional. (ALMEIDA, 2019, p.50)

A partir dessa análise compreende-se o modo como o racismo atinge qualquer pessoa que frequente terreiros afro-brasileiros. O espaço educacional continua reproduzindo o racismo religioso tornando-se então uma educação excludente, pois estudantes que são de religiões afro-brasileiras não se sentem acolhidos nesses espaços, de forma que desistem dos estudos por conta

do racismo sofrido ou negam suas crenças por medo do que poderá acontecer, isso atinge toda a comunidade.

Apesar disso, uma educação em uma perspectiva decolonial contribui para que estudantes possam conhecer outros discursos para além do que já é imposto nas salas de aulas, fazendo com que assim gradualmente possa ocorrer uma mudança discursiva da história, contribuindo para a construção da identidade desses sujeitos que se encontram no espaço educacional.

A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas. (ALMEIDA, 2019, p. 52).

Assim sendo, é importante que a educação atribua um novo discurso nos espaços educacionais para que essas violências contra as religiões de matriz africana possam diminuir, de modo que a sociedade entenda que é um crime que não dá mais para ser cometido e tolerado. A mudança dessa narrativa beneficia inclusive o papel da Pedagogia na educação brasileira, havendo novos panoramas para serem compartilhados. Mudanças estas que despertam um novo olhar para a educação, sendo ela o principal meio de comunicação para modificar o discurso de ódio imposto nas doutrinas afro-brasileiras. Para Foucault (1996), quem discursa está sempre sendo observado pelo outro, de modo que aquele ou aquela que está discursando tende a controlar o que é dito.

É através de um discurso descolonizado que a teoria sobre a cultura africana é transmitida para a população, trazendo novas histórias e novos olhares para essa cultura. Esse discurso compartilhado com estudantes passa pela forma como professoras (es) estão dispostas a falar sobre o racismo e seus impactos causados na sociedade.

#### **4 - O RACISMO RELIGIOSO E A FORMAÇÃO DAS (OS) PEDAGOGAS (OS): DO NÃO DIZER AO NÃO SABER**

O corpo docente do curso de Pedagogia - UNEB CAMPUS III pelo qual passei durante o curso era composto majoritariamente por mulheres brancas e cristãs. Essas mulheres professoras trazem em sua bagagem de conhecimentos as teorias escritas por pessoas brancas, na sua maioria homens, isso reflete a ausência de uma discussão decolonial sobre as religiões afro-brasileiras.

Ao longo do curso não vi debates sobre o racismo, seminários temáticos ou rodas de conversas que abordassem de forma educativa como o racismo está presente na educação. Também não estudei autoras negras que trouxessem uma outra visão a respeito da Pedagogia, como por exemplo bell hooks, que era professora, escritora, ativista e eu só a conheci quando estava no quarto período e ao apresentá-la aos docentes dos quais tive aula durante o curso de Pedagogia, informaram que não a conheciam, sendo que bell hooks escreveu um livro fazendo uma crítica a Paulo Freire. Durante o curso procurei trazer hooks para as aulas e como referência para minha formação, além de outros autores negros dos quais só tive conhecimento após buscar fora das referências trazidas para as aulas por professoras (es). Mesmo na tentativa de levar para a sala de aula a temática, de alguma forma era silenciada por professoras brancas que preferiam não problematizar a discussão, isso só mostra como o racismo não é velado, pelo contrário, ele está visivelmente escancarado.

Na disciplina de História da Educação Brasileira que tem na sua ementa o estudo da educação brasileira dentro do seu processo evolutivo, enfatizando os principais educadores nacionais, e nesse caso os assuntos eram passados somente contando a história da chegada dos Jesuítas e de como eles achavam que era importante essa educação para os povos nativos do Brasil, ignorando todo o genocídio que aconteceu contra os indígenas. Percebe-se então que a História da Educação é contada somente em uma perspectiva eurocêntrica, foi uma educação que tinha como intenção colonizar, catequizar e apagar a história dos indígenas, buscando somente defender os princípios do catolicismo.

Essa foi a perspectiva da educação dos jesuítas. Por outro lado, esses povos ao serem alfabetizados também puderam reivindicar os seus direitos, como é o caso de Esperança

Garcia<sup>7</sup>, que foi a primeira mulher negra e escravizada a ser advogada no Piauí e que escreveu uma carta denunciando os maus tratos sofrido por ela e mais pessoas escravizadas. A carta foi destinada ao Governador da Capitania de São José do Piauí, Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, em 1770, embora não se saiba como de fato ela aprendeu a ler e escrever no período do Brasil escravocrata essa história poderia ter sido pautada ou ser pautada nas aulas quando se remete a História da Educação Brasileira.

Mas, o que é indecente da ementa da disciplina é tratar de forma banal, como se não houvesse acontecido toda uma violência com a chegada deles ao país, como se os indígenas não tivessem educação alguma, como se afirmaram “não eram civilizados”. Para Saviani (2005. p. 3)<sup>8</sup>, assim, ao longo dos dois primeiros séculos, de 1549 até 1759, data da expulsão dos jesuítas, a pedagogia cristã, de orientação católica, gozou de uma hegemonia incontrastável no ensino brasileiro. E dessa forma houve um apagamento de toda a cultura dos povos indígenas, como suas línguas, artes e afins, sendo até hoje perceptível esse genocídio.

A falta de uma educação antirracista nesses conteúdos e a problematização desses acontecimentos causa uma visão aos estudantes de que a História da Educação Brasileira foi feita de forma pacífica, e acaba-se criando uma formação de profissionais que irão reproduzir o racismo por não questionar como foi o processo da educação no Brasil.

A educação não pode gerar conformidade e alimentar qualquer devaneio universalista. A educação não pode estar ligada a qualquer defesa de desenvolvimento do humano e de seu caráter civilizatório que esteja calçada em uma única lógica. Em outras palavras, a educação não pode estar a serviço do modelo dominante, pois ela, em sua radicalidade, é a força motriz que possibilita enveredarmos e nos mantermos atentos e atuantes nos processos de descolonização. (RUFINO, 2021, p. 10).

Essa observação é vista no decorrer da nossa formação em Pedagogia e como a falta desses debates sobre o racismo é alarmante, havendo somente uma disciplina que propõe falar sobre a cultura afro-brasileira. A disciplina Educação e Cultura Afro-brasileira, ela traz na sua ementa a discussão antirracista: contexto escolar e prática docente. A discriminação

<sup>7</sup> Esperança Garcia: A Carta E A História Da Primeira Advogada Do Piauí. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/esperanca-garcia-a-carta-que-revelou-a-historia-da-primeira-advogada-do-piaui.phtml> Acesso em: 4 agosto 2022.

<sup>8</sup> Dermeval Saviani - **AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.** Disponível em: [https://www5.unioeste.br/portaunioeste/images/files/PHC/3\\_Artigo\\_-\\_Saviani\\_-\\_Asc\\_concep%C3%A7%C3%B5es\\_pedag%C3%B3gicas\\_na\\_hist%C3%B3ria\\_da\\_educa.\\_brasileira.pdf](https://www5.unioeste.br/portaunioeste/images/files/PHC/3_Artigo_-_Saviani_-_Asc_concep%C3%A7%C3%B5es_pedag%C3%B3gicas_na_hist%C3%B3ria_da_educa._brasileira.pdf) Acesso em: 27 jun 2022.

racial/educação: (re)pensando a identidade ético-racial da (o) educadoras (os). Afirmção e Lei 10.639/03. Tendo como material didático a valorização da história e cultura afro-brasileira, desconstruindo estereótipos. Infelizmente, pude observar que parte do que a disciplina propõe não é apresentado ao longo do curso, e com isso é raso o que é falado sobre racismo e principalmente Racismo Religioso é ofertada no sexto semestre, antes disso é raso o que é falado sobre racismo, e quando se trata de Racismo Religioso, aí é que não é falado mesmo. E, se durante a formação não há debates, é mais abstruso que formandas e formandos tenham conhecimento e preparação para levar o assunto para os espaços educacionais após a formação. Durante as entrevistas realizadas com estudantes do curso de Pedagogia - UNEB CAMPUS III, é perceptível o que pensam sobre a sua formação, como aponta Lígia (2022), estudante do oitavo período:

Eu não lembro de ter participado de alguma roda de conversa utilizando o termo racismo religioso. Pra mim chegou de outras formas, como para além da disciplina, onde a gente mais debateu isso foi até com o professor Juraci que ministrou essa disciplina. Que ele trouxe toda uma experiência de religiões para além do que é comum aqui, né? Ele trouxe as rezadeiras, os terreiros. Mas principalmente acho que os rezadores também que eram de referência aqui na região e a partir de um estudo que ele fazia e compartilhou com a gente esse saber que foi bem interessante que lembrou até algumas vivências também. Eu mesma tive uma avó que foi rezadeira e que aí que eu nem entendia mas na comunidade que a gente vivia ela era muito requisitada pra rezar em crianças e demais coisas que é um saber, eu não sei definir que saber é esse, mas que é saber é. O saber popular e da cultura e da crença que ela tinha. E aí aqui na Universidade eu não vi tanto assim rodas de conversa debatendo sobre isso. Mas assim, quando se tocava no assunto tipo decolonialidade, sobre justamente repensar a nossa cultura ter uma visão mais crítica de sociedade, aí entravam várias questões culturais. Como por exemplo esse racismo também religioso. Mas eu não participei de uma roda de conversa diretamente sobre o tema. Assim só o tema.

Uma única disciplina não abarca toda a demanda sobre a educação e cultura afro-brasileira, é necessário que ao longo do curso aconteça seminários temáticos, rodas de conversas e/ou debates nas salas de aulas trazidos por outros/outras professores (as) para que durante a formação de estudantes do curso de Pedagogia consiga ao menos sanar a falta de conhecimento a respeito do racismo religioso. Para hooks (2019. p 197), “é difícil mudar as estruturas existentes porque o hábito da repressão é a norma.”

Para isso, é importante que docentes estejam dispostos e dispostas a desconstruir seu aprendizado, assumir seu racismo, buscar escritores que falam sobre a temática e estarem prontos e prontas para problematizar o racismo que tanto tentam esconder, entendendo que a

Universidade é um espaço racista. Isla (2022), estudante do curso de Pedagogia, quinto período aponta em sua fala essa questão:

Tentar trabalhar na formação do docente já a questão do racismo religioso. Primeiro é se identificar como um lugar racista que é a academia, né... E depois tentar estruturar tudo isso, porque além... não é o racismo religioso sozinho... então é uma estrutura racista estar dentro da academia. Além do racismo, antes do racismo religioso, existe o racismo que é estrutural. Então todo e qualquer segmento, né... Vai existir o racismo, que é uma estrutura. E daí aqui dentro seria pegar o currículo primeiro, eu penso muito no currículo depois que você entende aquele documento e a importância dele. E ver ali aquele apanhado de coisas eurocêntricas né... E começar a introduzir. Só que o que que a galera faz muito é não trabalhar interdisciplinaridade das coisas, porque se eu tenho uma disciplina que é antropologia, que é filosofia, e sociologia... aí agora a gente está nas disciplinas de ensino, como é quinto período, e nunca foi trabalhado sequer uma questão do racismo como estrutura, como é que vai estudar o racismo religioso? Então é mais ou menos daí. Tentar colocar né, como obrigatoriedade, ser discutido o racismo estrutural, e aí consequentemente levar isso pra educação com Pedagogos ou pós já formados, e os Pedagogos em formação e aí pegar esses segmentos que a gente vai ter dentro do campo formal e não formal. Se a escola, se tem a criança que é do candomblé, que é da Umbanda, o que fazer, né? O que fazer e tudo mais. Acho que é mais ou menos aí. E antes de tudo fazer com que os docentes, né... Meus professores e professoras saibam o que é o racismo e assumam que o racismo existe. Porque se você chega pra uma ou pra outra ele vai dizer: ah, não existe. E outra: ah, eu também não sou racista. E está praticando racismo dentro da sala de aula nitidamente. Porque quando você vai tentar falar sobre questões racistas eles lhe dão um corte, né... Eles vão lhe reprimir.

É importante reconhecer que, ao tentar velar o racismo e os projetos produzidos dentro do espaço acadêmico, a instituição contribui para que o racismo se faça presente nesse sistema, pois existem docentes e discentes produzindo conteúdos sobre a temática, mas é válido ressaltar que essas demandas não chegam até estudantes de Pedagogia. Para Isla (2022), estudante do quinto período do curso de Pedagogia, essas informações não chegaram para ela:

Aí é que tá... na pedagogia tem? Porque eu como formanda em pedagogia... dos professores que eu tive, eu nunca vi ninguém falar sobre isso seriamente... Eles falam: ah o negro... ainda fica com medo. É negro ou é preto? Eu tenho que esperar isso de um doutor, que eu vá responder a eles como é que fala? É sério. Não... Eles são doutores e mestres, eles têm que saber, entendeu? Não venha me dizer que é por falta de arcabouço teórico.

A partir do momento que a Universidade oferece uma interdisciplinaridade acerca do racismo religioso e a formação de discentes cria-se então um espaço que está disposto a ser antirracista e partir para uma educação descolonizada. O espaço acadêmico, por mais que seja adoeceador, ele propõe oportunidades para que estudantes possam se destacar profissionalmente, mas geralmente isso acontece quando discentes participam de projetos de pesquisa, monitoria

e tem acesso a outros debates para além do que a sala de aula oferece. Muitos estudantes se limitam somente ao que é passado durante as aulas e isso está interligado tanto a falta de interesse em assuntos vistos como problemáticos, como também professoras (es) ao hierarquizar teóricos e desconsiderar autores, pesquisadores negros em suas ementas acadêmicas.

É evidente que um dos muitos usos da teoria no ambiente acadêmico é a produção de uma hierarquia de classes intelectuais onde as únicas obras consideradas realmente teóricas são altamente abstratas, escritas com jargão difíceis de ler e com referências obscuras. (hooks, 2019, p. 89).

A educação é importantíssima para o despertar da consciência e para uma sociedade com mais equidade, construindo novas realidades. Estudantes quando entram no espaço acadêmico já tem poder, poder de fala, de voz, de conhecimento, o que educadores precisam fazer é potencializar esse poder, elevar a voz desses estudantes, sendo um espaço de resistência e mudanças, adaptando-se ao avanço da sociedade. Dessa forma, dar visibilidade acerca do racismo religioso durante a formação de discentes faz com que eles e elas se sintam preparados para atuarem nos espaços educacionais.

Ao decorrer da pesquisa é perceptível os muros criados a respeito do que estudantes conhecem sobre o Racismo Religioso. Para as (os) discentes entrevistadas (os) a falta desse debate contribui para que o racismo religioso seja propagado nas escolas, de modo que a preocupação é em como é apresentado o currículo do curso de Pedagogia - UNEB CAMPUS III. Ao decorrer da pesquisa ficou evidente nas falas delas (es), como Lígia (2022), estudante do oitavo período aponta:

Eu acredito que não me sinto assim com a propriedade muito grande para abordar a temática, até porque eu não estudei muito sobre, mas assim, eu consigo abordar a temática a partir do respeito pelo outro que perpassa várias coisas, a religião, a forma de ser, a cor, independente. Então eu conseguiria possivelmente abordar a temática nesse viés sobre respeitar a crença do outro independente de qual que ela seja. Se não faz sentido pra mim, eu não vou cultuar, mas eu cultuo outras coisas que outras pessoas não podem acreditar e é sobre isso. Que o respeito é uma via de mão dupla né? Se a gente vai no nosso caminho não ultrapassa o de ninguém dá tudo certo pelo menos na teoria. Mas eu não vou dizer assim que eu tenho a propriedade de chegar e fazer uma palestra num ambiente que eu esteja trabalhando sobre o tema. Mas se eu for abordada eu conseguiria falar mediante essa questão do respeito.

A criação de diálogos solidários e políticos entre docentes e discentes a respeito do Racismo Religioso colabora em torno da formação de ambas as partes, já que a partir do momento que docentes buscam desaprender para aprender cria-se uma comunidade pedagógica,

sendo imprescindível a modificação da estrutura pedagógica, não basta só o conteúdo ser emancipador, é preciso que a prática de ensino e todo o corpo acadêmico sejam também. Para Rufino (2021), a desaprendizagem como ato político e pedagógico tem como capacidade de recuperar sonhos que foram silenciados.

A educação descolonizada é uma tarefa que emerge na medida que reconhece o quanto a colonização causou um apagamento histórico sobre a educação brasileira. Esse ato educativo requer uma luta incansável, de forma responsável. Isso contribui para a formação de discentes, expondo os projetos que existem dentro na Universidade que falam sobre o racismo como um todo, e, se o espaço acadêmico não vai até os terreiros para aprender mais com esses povos, que abra as portas para recebê-los de forma educativa e descolonizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou uma reflexão com estudantes do curso de Pedagogia – UNEB DCH III, sobre o racismo religioso e a formação da (o) Pedagoga (o) e diante do que foi observado podemos perceber que o racismo religioso ainda perpassa o espaço universitário por meio de docentes que reproduzem um discurso eurocêntrico e racista, tendo apenas uma disciplina no currículo e a falta de debates sobre o tema dentro da academia. Dessa forma, discentes que adentram ambientes educacionais sem ter tido debates sobre a temática não se sentem preparados (as) para desconstruírem o racismo religioso acerca das religiões de matriz africana ao se depararem com o assunto ou um possível caso de racismo.

É importante que a Universidade proponha discussão decolonial. Pensar no papel da educação é sobretudo contestar de onde a mesma vem e saber para onde deseja direcioná-la. É necessário ressaltar que existe uma multiculturalidade e que docentes reconheçam esse universo que é diversificado. A partir do momento que graduandas e graduandos são apresentados a essas perspectivas de dar aula, um passo é dado para a transformação da educação.

É através de um discurso descolonizado que a teoria sobre a cultura africana é transmitida para a população, trazendo novas histórias e novos olhares para essa cultura. Esse discurso compartilhado com estudantes passa pela forma como professoras (es) estão dispostas (os) a falar sobre o racismo e seus impactos causados na sociedade. A educação descolonizada é uma tarefa que emerge na medida que reconhece o quanto a colonização causou um apagamento histórico sobre a educação brasileira, esse ato educativo requer uma luta incansável, de forma responsável.

A partir do momento que a Universidade oferece novas vivências teóricas a respeito do racismo e tudo que ele causa na sociedade, possibilita com que a formação de discentes transgrida por diversos locais, além de levar conhecimento, potencializa os sujeitos, fazendo com que a educação seja libertadora e acolhedora. Para que essa mudança seja possível, é necessário que o currículo do curso passe por uma mudança, onde a educação seja descolonizada e antirracista, tais mudanças são essenciais para reconstruir um novo horizonte na educação brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

DIJK, Teun Adrianus Van. **Racismo e Discurso na América Latina**. Editora: Editora Contexto. Edição: 1ª, 2008. 388 p.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso - aula inaugural no College D'e France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª edição: abril de 1996. Edições: LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1996.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – 2. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges. Editora: Elefante, 2021. 272 p.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. – São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra 2020. 160 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: a educação e descolonização**. – 1. Ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021. 84 p.; 19 cm.

Terezinha Bernardo, Regimeire Oliveira Maciel, Janaína de Figueiredo. **Racismo e educação: (des)caminhos da lei 10.639/2003**. São Paulo. Educ: FAPESP, 2017. 140 p.; 23 cm.

## **ANEXOS 1 – ENTREVISTAS**

**Entrevista realizada com estudante do 8º período noturno que optou por usar um pseudônimo, que nesse caso é Lígia.**

**Religião: Não**

**Data da entrevista: 25/5/2022**

Simara: então, a pesquisa ela tem como finalidade saber como é que está a formação de nós estudantes de Pedagogia aqui dentro da universidade com relação ao tema racismo religioso e a nossa formação. Eu estou entrevistando estudantes do quinto e do oitavo período. O porquê do quinto e oitavo é que a gente tem uma disciplina que é educação e cultura afro-brasileira e ela é vista a partir do sexto. Ela é vista só no sexto. Então do primeiro ao quinto que é que esses estudantes estão vendo, se tem alguma coisa sendo falada na universidade, se tem algum debate ou se não tem. E no oitavo porque já passou por essa disciplina e aí como é que se sente com relação a essa temática. Se sente preparada ou não, o que sabe, o que pensa. E aí é saber o que que você pensa, o que que você acha a respeito do racismo religioso.

Lígia: Olha, pra mim o racismo religioso é quando não se respeita a cultura, a crença do outro. É... aqui na nossa sociedade por termos todo esse histórico de catequização, termos sido colonizados pelos portugueses é muito forte a presença do cristianismo. Então assim é mais aceito, aceita as religiões que cultuam o cristianismo. O que passa disso eu percebo que há um preconceito mesmo das pessoas, às vezes não saber do que se trata e isso gera, assim, infinitas questões... até violências com outro. Enfim... deixa eu pensar mais o que eu penso sobre isso na minha formação aqui na UNEB... eu realmente passei por essa disciplina e esse tema ele teve também, mas de forma, talvez não direta, mas que ele entrava também nas discussões quando a gente vai pensar a sociedade que profissional você que é educador pretendo ser, ela perpassou pelo menos por mim sobre você acolher, respeitar a crença do outro, que as vivemos num país que é laico pelo menos na teoria e aí que deveria ser na prática também, então eu penso assim que eu enquanto pedagoga eu não posso ficar reproduzindo... não posso ficar reproduzindo uma atitude, uma fala que seja que eu desrespeite o outro por conta de sua crença.

Simara: e houve debates dentro da universidade sobre o racismo religioso, sobre outras culturas, sobre outras religiões, você participou de algum evento, teve debate em sala de aula, além da disciplina, como foi essa questão da vivência com relação a esse tema na formação?

Lígia: eu não lembro de ter participado de alguma roda de conversa utilizando o termo racismo religioso. Pra mim chegou de outras formas, como para além da disciplina, onde a gente mais debateu isso foi até com o professor Juraci que ministrou essa disciplina. Que ele trouxe toda uma experiência de religiões para além do que é comum aqui, né? Ele trouxe as rezadeiras, os terreiros. Mas principalmente acho que rezadores também que eram de referência aqui na região e a partir de um estudo que ele fazia e compartilhou com a gente esse saber que foi bem interessante que lembrou até algumas vivências também. Eu mesma tive uma vó que foi rezadeira e que aí que eu nem entendia mas na comunidade que a gente vivia ela era muito requisitada pra rezar em crianças e demais coisas que é um saber, eu não sei definir que saber é esse, mas que é saber é. O saber popular e da cultura e da crença que ela tinha. E aí aqui na universidade eu não vi tanto assim rodas de conversa debatendo sobre isso. Mas assim, quando se tocava no assunto tipo decolonialidade, sobre justamente repensar a nossa cultura ter uma visão mais crítica de sociedade aí entravam várias questões culturais. Como por exemplo esse racismo também religioso. Mas eu não participei de uma roda de conversa diretamente sobre o tema. Assim só o tema.

Simara: Não houve assim algo, um seminário?

Lígia: se ouve eu não participei. Eu não participei. É. Se teve eu não lembro.

Simara: E com relação as escolas você se sente preparada pra escolas? Porque a gente sabe que a Pedagogia ela é para além das escolas, então você enquanto formanda de Pedagogia você se sente preparada pra debater sobre esse assunto em espaços educacionais sejam eles formais ou não formais, sente que há uma bagagem de conhecimento teórico na sua formação pra falar sobre essas questões em outros espaços onde você sente que com relação a isso vai partir do interesse de procurar?

Lígia: eu acredito que não me sinto assim com a propriedade muito grande para abordar a temática, até porque eu não estudei muito sobre, mas assim, eu consigo abordar a temática a partir do respeito pelo outro que perpassa várias coisas, a religião, a forma de ser, a cor, independente. Então eu conseguiria possivelmente abordar a temática nesse viés sobre respeitar a crença do outro independente de qual que ela seja. Se não faz sentido pra mim, eu não vou

cultuar, mas eu cultivo outras coisas que outras pessoas não podem acreditar e é sobre isso. Que o respeito é uma via de mão dupla né? Se a gente vai no nosso caminho não ultrapassa o de ninguém dá tudo certo pelo menos na teoria. Mas eu não vou dizer assim que eu tenho uma propriedade de chegar e fazer uma palestra num ambiente que eu esteja trabalhando sobre o tema. Mas se eu for abordada eu conseguiria falar mediante essa questão do respeito.

Simara: e com relação ao racismo ao racismo religioso em si você acredita que ele existe você consegue pontuar situações?

Lígia: e com certeza eu acredito que existe sim. Pontuar situações... quando por exemplo as pessoas incendiam terreiros que são mais religiões da cultura descendentes né, da de africanos, afrodescendentes eu acho que é um tipo... talvez de racismo possa ser que seja esse, você incendiar ali o ritual do outro... quando deixa eu ver o que mais... Quando me lembra de racismo religioso eu associo mais ao ataque mesmo à violência às religiões afrodescendentes. não sei se é assim o termo...

Simara: afro-brasileiras

Lígia: aí obrigado, está vendo... Até os termos eu ainda não tenho muita propriedade de colocar

Simara: porque isso não é muito debatido né? A gente não vê isso nas escolas e aí quando a gente vem pra universidade ou ver e aí fica naquela bolha né? Na nossa bolha que não é algo que todo mundo desperta interesse e nem todo mundo quer ir atrás, então não tem o porquê ir atrás de outras questões, e aí acaba que a gente nem vê na escola, nem vê nas universidades, volta para as escolas e não sabe como falar, como fazer.

Lígia: e de fato eu acho uma coisa muito importante pra gente, pra gente saber ter o domínio, inclusive pensando... respondendo essa entrevista eu percebi de fato até os termos eu não sei ainda... falo assim meio com insegurança, não tenho tanta propriedade de abordar.

Simara: então até mesmo a própria disciplina ela não contemplou.

Lígia: É que poderia até, tipo, pela rapidez, que é uma disciplina, né? Pode ter, até ter trazido, mas de fato, se tivesse outras discussões, assim, de forma rodas de conversas, outros debates, talvez tivesse fixado mais. Eu consigo falar um pouco pelo contexto todo do olhar da pedagogia, mas de específico é assim ainda meio pensando será que é isso mesmo.

Simara: É isso, obrigada.

**Entrevista realizada com Raquel – estudante do 5º período de Pedagogia – vespertino.****Religião: protestante****Data: 2/5/2022**

Essa entrevista, ela se dar com o tema racismo religioso e a formação da/o pedagoga/o - uma reflexão com os estudantes do curso de pedagogia da UNEB DCH III. E aí a gente está fazendo uma pequena coleta de dados que vai saber o que os estudantes estão pensando, o que sabem a respeito desse tema.

Simara: Então, o que você tem a dizer? O que você sabe sobre o racismo religioso?

Raquel: O que eu sei é que... É tipo assim... A gente vive num estado laico, porém a gente sabe que, na prática, principalmente nas escolas, em educação curricular e tudo não é essa laicidade que é praticada, porque é aquela questão de imposição mesmo. Eu já tive muitos professores, principalmente ensino básico, que quando iria falar sobre filosofia, sobre qualquer termo do tipo, eles empregavam de acordo com a sua crença, com sua religião. Então não acho que é um termo livre. Não acho que seja realmente praticado. De acordo com o livre arbitrio é tipo assim, é partir de outras religiões e tudo não é explorado. O que eu sei é isso.

Simara: E na questão do curso? Do currículo de pedagogia, ele traz alguma questão? Ele traz algum debate sobre o racismo, religião?

Raquel: Até o momento, que eu estou no quinto período, até o momento eu não vejo nenhum debate a respeito. Até porque, assim, a gente já está começando a tá em estágio, a entrar no mercado de trabalho e hoje em dia a gente, hoje em dia, assim, as pessoas estão tendo aos poucos ainda de uma forma bem tímida a oportunidade de se expressar na escola. Então, se a gente não entende a realidade de uma religião, de uma criança, como é que a gente vai aprender a passar aquele conteúdo, a respeitar, se comunicar, entender, até trazer uma certa compreensão para as outras crianças da sala? Em relação à investigação, entender a cultura e tudo mais, assim como é feita com o cristianismo. Então eu acho que assim, até o momento, eu não tive ainda de acordo com grade da UNEB aqui um esclarecimento a respeito disso, do ensino realmente religioso, mas não uma religião só.

Simara: E você sabe por qual motivo isso acontece? Tem alguma ideia?

Raquel: Eu não sei. Eu acho que quando vai se pensar currículo, porque assim, eu compreendo que também é um currículo em Pedagogia a gente tem que tratar muita coisa, porque Pedagogia é justamente o aprender, é a forma de aprender. Mas tem muitas coisas para serem tratadas. E aí quando as pessoas vão julgar, quem está lá na mesa, né, acaba que deve estar julgando o quesito religião como desnecessário, sendo que eu não vejo que seja por esse campo.

Simara: Que pode ser até mesmo por conta do próprio racismo... também por conta da própria universidade ela trazer mais perspectivas europeias do que perspectivas indígenas ou africanas, por exemplo... E na sua opinião, como a escola, ela deve tratar desse tema?

Raquel: Pronto, as escolas, é justamente nessa perspectiva que eu falei, porque como eu disse mesmo que de forma tímida, a gente já está tendo a presença de crianças que já... as mães já estão, é... não você é ensinando e tal, e se a escola não começar a toma essa atitude de acolher aquela criança, já começa a partir do próprio racismo mesmo, ela (criança) entender que ela é diferente. Entender que é, que assume, que as outras crianças justamente por conta do currículo, o currículo da educação de como é ensinado, eles já começam aquele racismo estrutural mesmo, que as religiões, principalmente de matrizes africanas, elas são endemoniadas. Então começa na própria escola. O próprio coleguinha, quando escuta o outro falar, reproduzir aquilo. A criança se sente intimidada de falar sobre, o outro não entender e acaba tendo aquela barreira, né... É justamente essas guerras culturais que não deveriam ter que, na realidade, a educação deveria vim para é unir isso tudo porque a gente não tem que estudar só uma coisa só.

Simara: E até mesmo a própria escola que traz a questão do ensino religioso, que só traz mais a questão de uma única perspectiva. E muitas escolas ainda têm o hábito de começar as aulas rezando ou passando musiquinha do anjo da guarda branco do cabelo cacheado. E você se sente preparada para estar trabalhando essas temáticas em sala de aula nas escolas?

Raquel: Não, porque se eu não conheço. Não, eu não acho que eu estou, porque se eu não for um professor, uma professora consciente de ir atrás de estudar... pela universidade eu não tenho esse preparo. Porque até o momento, como eu disse quinto período, eu não vi ainda nenhum curso, não vi no currículo, mas no curso também, um curso extra, alguma coisa assim sendo divulgado na minha sala até o momento não vi.

Simara: Aqui na universidade tem pesquisas que falando sobre essas questões. Mas é bem pouco, tipo... Sobre a de Márcia, da qual faço parte, a gente está falando sobre história e imagens

dos terreiro daqui dia Juazeiro, e aí a gente está dentro da universidade, tem que tem quem fala, tem quem pesquise, mas, o que é que impede de chegar até os estudantes? Seria questão de interesse ou não querer saber sobre por conta que é uma religião demoníaca como dizem... E esse racismo religioso, você acha que ele existe?

Raquel: Sim, com certeza, até por conta dessa questão que eu mencionei, né? Que virou, assim, um senso comum, acho que é no Brasil inteiro de demonizar, literalmente, as religiões de matriz africana. Então, a reprodução disso na sociedade vai só seguindo em frente. Então o racismo ele vai continuar, ele vai... ele vai continuar sendo enquanto não houver um esclarecimento... porque, é assim, quem a gente vai poder educar no momento vai ser a criança. Então se a gente conseguir alcançar essa criança já é um, já é um avanço e muito, já é um avanço pra que isso pare de ser reproduzido. Só que pra isso também a gente tem que fazer de maneira consciente. Não é de qualquer jeito. Não é eu pesquisar no Google. Eu não vou saber. Vou ler um artigo aqui. Eu preciso de alguém principalmente que esteja ligado a religião porque eu também não posso chamar outra pessoa de qualquer canto pra poder falar sobre isso. Uma pessoa que esteja ligada a isso pra poder explicar. E até como a gente está falando sobre Pedagogia e até explicar como é que a gente explica isso. Porque não é de qualquer jeito, não é banalizado.

Simara: Exatamente. E quais questões você poderia pontuar nesse quesito do racismo religioso existir?

Raquel: Foi justamente essa questão na prática em sala de aula. É, não tem aquela... não tem aquela tolerância, vamos se dizer. É o cristianismo... quando chega Páscoa eu vou pegar lá as coisas referente a Jesus a Paixão de Cristo né? Os símbolos da Páscoa eu estou trabalhando ali apenas o quê? Uma religião... estou trabalhando apenas uma religião com as crianças e aquilo oh acho que todo mundo já... principalmente da minha idade já pintou uma vela, um ovo da Páscoa, o carneirinho, o sininho tudo representando a questão do cristianismo mesmo. Isso aí, isso reproduzido várias vezes você está estudando o quê? Uma religião só. Então a criança entende o quê? Que aquela dali que ela está estudando dentro de aula que é a religião que precisa ser estudada é a verdadeira.

**Entrevista realizada com Karlos. Estudante do 5º período de Pedagogia – Noturno – UNEB DCH III, no dia 28/4/2022, às 20h.**

Simara: Então, Karlos eu gostaria primeiramente de saber qual o seu nome completo.

Karlos: É Karlos Victor da Silva Ferreira.

Simara: Você tem alguma religião?

Karlos: Não.

Simara: Período que está cursando?

Karlos: Quinto período. Noturno.

Simara: o que você acha a respeito sobre o racismo religioso?

Karlos: Eu acho que o racismo religioso é, ele é muito presente sabe? Eu acho que é não deveria existir, né? Como vários e outros, vários outros tipo de racismo, preconceito, tudo não deveria existir. Mas eu acho que ele ainda se faz muito presente.

Simara: E no caso aqui dentro da universidade você sente essa presença muito forte ou ela é, como é que eu posso dizer... Existe ou não essa presença dentro da universidade?

Karlos: Na realidade dentro da universidade a gente nem se vê falar sobre religião né? É uma coisa que não é pautada que se... se alguém tipo assim... pelo menos eu não vejo algo né sobre essa temática, então eu acredito que não. Assim existe, mas não assim na minha concepção não falam sobre, então não dá pra perceber assim realmente porque não entram né? Não falam sobre.

Simara: e o currículo do curso Pedagogia pra traz algum debate curso pedagogia?

Karlos: Não. Que eu presenciei ainda não.

Simara: Nenhum momento não teve nenhuma aula. Hum não. Nenhum professor quis falar sobre isso sobre alguns acontecimentos que aconteceram. de apedrejamento, essas coisas.

Karlos: Não, é assim, eu tive, é tive uma matéria, uma disciplina, né? Que foi que falou sobre, é a questão... É afro, né? Quem trouxe algumas coisas assim bem interessante que eu gostei.

Tipo foi uma realidade que a gente tipo foi arrancar pelo menos que eu não, não conhecia e passei a conhecer.

Simara: É educação e cultura afro-brasileira.

Karlos: Isso.

Simara: No caso tu está no quinto e já viu essa disciplina?

Karlos: Sim, eu vi de forma remota. Professor Juraci.

Simara: E você participou de algum evento, sabe se já teve algum evento que falasse sobre essa temática aqui dentro da universidade, algum seminário temático, alguma palestra, dentro mesmo de alguma disciplina do seu curso dos ou dentro de alguma disciplina da sua carga horária?

Karlos: Hum... não teve!

Simara: Pode imaginar o porquê?

Karlos: eu acho, é... na minha concepção é as pessoas ainda tem grande assim não, não sei se é um problema de falar sobre sabe? Mas eu vejo que é... algo que não é algo que a gente num vê falando, né? eu imagino que o porquê eu não sei se é porque assim, as pessoas têm uma dita só uma religião e num, num se não se atentam a falar sobre outras, né? pessoas tipo quando tem muito assim é... é a questão mesmo do ou são muito protestante ou são católicas não, não, não dão oportunidade de dizer. Se abre aí. Sim.

Simara: E no caso você acha que o racismo religioso ele se manifesta nas escolas? Tu enquanto estudante, tu já estiveste em algum momento de sala de aula ou quando você era estudante do ensino médio e fundamental, como você lembra que era com relação a esse tema, né? Se existia esses temas em algum momento na escola ou como você imagina que ele aconteça nos espaços escolares?

Karlos: eu acho que dentro da escola já começa a ser inserido a partir do momento que você inicia... algumas escolas já fazendo oração então você está colocando ali já uma religião de uma certa forma ali já entendeu? Tem pessoas que não que... não que... tem crianças que não acreditam e tudo bem e um ensino religioso mesmo na matéria de religião a gente é algo que a gente vê que pra única religião que era falada era a católica. Tipo você não vê outras religiões, então eu acho que de certa forma já é inserido essas questões assim, uma única religião.

Simara: E aí também tem a questão da gente enquanto pedagogo não está sabendo lidar né? Quando a gente for pro espaço escolar como é que vai ser essa questão... sim aí no caso a gente enquanto estudante de pedagogia, como você acha que a gente está preparado pra lidar com tais situações na escola se é possível presencial alguma questão de racismo religioso ou até mesmo falar sobre essa sobre o racismo religioso ou as religiões de afro-brasileira em algum momento da escola em algum momento de espaço formal você acha que a gente está preparado?

Karlos: eu acho que não, porque pra gente ter um preparo sobre algo a gente precisa falar sobre. Já dentro do espaço acadêmico acho que a gente tem que falar sobre, tem que abrir rodas de conversa e colocar o pensamento, mas tudo assim sabe? Com bastante respeito. Eu acho que pra gente estar preparado precisaria falar sobre. Eu acho que como não fala sobre a gente não vai falar. Vai ser uma coisa que a gente vai... vai pra uma realidade e vai se assustar e muitas vezes vão até passar mesmo a ser ignorantes.

Simara: Porque algum até tentam buscar saber conhecer e outros vão só deixar passar pra frente. E o que você sabe ou pensa sobre essa questão do racismo religioso dentro das escolas?

Karlos: Assim, o pensamento em questão, mesmo do que eu acho mesmo, do achismo? Eu acho que... É difícil, não é assim difícil para mim, é para as crianças... assim que tem uma concepção que tem uma religião diferente. Tipo, é uma coisa que eu vejo aqui é. É, é doloroso.

Simara: E aí envolve várias outras questões, também. A religião prega muito cuidado, acolhimento, uma solidariedade, mas ao mesmo tempo ela reproduz o racismo dentro da escola.

Karlos: Sim.

Simara: No caso, como deveria ser tratado em tema, tanto aqui na universidade como nas escolas. Como você acha que poderia ser mais visto esses temas aqui?

Karlos: Acho que dentro da universidade tem que é... como eu falei, é roda de conversa. Eu acredito que tem que ter essas rodas de conversa, a gente tem que conversar sobre e já nas escolas eu acho que assim é o pedagogo tendo um preparo dentro da universidade vai ser mais fácil para lidar com aquelas diversidades mesmo, não só de religião. E eu acho que também é preparar as crianças para o respeito, é preparando as crianças. Assim a gente também vai preparar os pais, porque é um conjunto, escola, família e comunidade.

Simara: Mas aqui... no caso aqui da UNEB, ela tem projetos que falam sobre a questão das religiões afro-brasileiras. Não só teve, como tem projetos em andamento, como também teve

projetos passado. O professor Juraci, mesmo ele escreveu um livro falando sobre o mapeamento, falando sobre uma pesquisa dos terreiros de Juazeiro. E tem a professora Márcia e Ceres que estão sempre envolvidas nessa temática. E elas tem o projeto histórias e imagens dos terreiros de candomblé e umbanda daqui de Juazeiro, então assim... mesmo que pouco, tem, mas, o que você acha que falta para dar visibilidade a isso que já tem?

Karlos: É, eu acho que a questão mesmo é de falar, né sobre, porquê... Eu acredito que nem todos, tipo, eu mesmo eu não sabia. Eu sabia sim do que o professor Juraci falou, sei. Mas eu acho que é uma questão mesmo da gente colocar, tipo fazer mural, é fotografia, é a gente chamar mesmo é atenção, sabe? Eu acho que é a gente perceber que tem isso dentro da universidade. Tem várias coisas dentro da universidade que existe e muitos alunos não sabem.

Simara: o professor chamou a turma para ir num terreiro conhecer e a turma não quis ir porque a maioria era evangélica.

Karlos: Às vezes, pela ignorância ou pelo medo, sei lá, sabe? Realmente não adianta também expor tanto, tipo, colocar projetos que as pessoas tenham medo ou tenham preconceito em conhecer, sabe? Eu acho que se a gente não consegue levar as pessoas até o terreiro, que a gente traga o terreiro até universidade.

Simara: e também até a questão da própria turma, dos próprios estudantes refletirem, conhecerem, é uma forma de estar fazendo essa aproximação. E você acha que se sente preparado para um espaço educacional abordar esses temas, falar sobre a religião afro-brasileira? Ou está preparado para alguma polêmica com racismo religioso que venha acontecer dentro da escola? Você se sente seguro para falar sobre?

Karlos: Não. Porque eu sei que vai ser que é... dentro da escola falar sobre. Eu não me sinto, é... Não, não é preparado, assim né, preparado eu acho que eu estou porque eu sei que eu vou encontrar alunos e tenho que falar, sobre tudo, todo esse que sobre a religião, sobre diversas religiões. Só que assim é. Eu sei também que isso vai como a gente tem uma sociedade que é muito, né, católica e tudo protestante. Alguns então ele vai..., vão bater mesmo de frente, né? Assim, o preconceito mesmo, aí o racismo religioso vai existir muito. Só que eu acho que a gente tem que estar sempre pronto, sabe?

Simara: Aí a gente tem que estar de alguma forma indo contra, não é? Porque a escola faz uma reprodução, ela reproduz todo tipo de violência que tem na sociedade, ela reproduz o machismo, reproduz a LGBTQIA+fobia, reproduz o racismo religioso, o próprio racismo em si. Então

assim é um. É a gente parar nesse momento e pensar como a gente quer uma futura educação, qual o papel futuro da nova educação? E é daqui que a gente sai, não é? Se a gente sai daqui sem saber como é que vai, vai ser babado para chegar nas escolas e falar... E no caso, você pretende seguir para a sala de aula? Pretende tá dentro da sala ou você prefere estar em outros espaços que não seja a sala de aula?

Karlos: Eu pretendo, pretendo seguir.

Simara: Seria educação infantil ou EJA?

Karlos: Pretendo EJA. Porque já é de uma realidade que eu já venho... é uma realidade que eu já venho, então eu acho que. E também eu sei o quanto já sofreu e sofre preconceito.

Já passou pela educação infantil, só que eu ganhei. Eu me informei pelo anjo, então acredito que eu sei o quanto eu sofri preconceito e tudo o que é mau. É muito, e é, e é um público.

Simara: Você acha que o racismo religioso não existe?

Karlos: Sim.

Simara: E quais questões você gostaria de apontar sobre... sobre racismo religioso?

Karlos: Apontar?

Simara: É! Quais questões você gostaria de apontar aqui? O que seria o racismo religioso, como você definiria, como aponta?

Karlos: Eu acho que assim é. A gente já vê as questões dos terreiros, né, é com quando sofre, é sobre essas questões. Assim, a gente já vê, é as pessoas derrubando. Acho que isso é um racismo, sabe? É. Todo tipo de violência é voltado, não é a religião assim, do outro. É. É um tipo de racismo religioso.

Simara: E a palavra, é o conceito da palavra, no caso do racismo, é porque geralmente usam mais a intolerância religiosa, né? Só que é Sidney Nogueira, que é um, autor que eu tô lendo sobre intolerância religiosa, inclusive o título do livro dele é esse. Ele fala que essa questão da intolerância veio mais porque no Brasil existe esse mito de que há uma democracia racial, não é? Não existe racismo no Brasil que todo mundo é igual. Não sei o que, não sei o quê, e aí essa leveza, nada existe de ruim. E a intolerância ela vem mais nesse quesito de maquiagem o racismo. Ela vem mais com algo que tolerar não é, “é normal, é normal”, né, entre aspas, não tolerar o

outro. Não é só porque o outro tem uma religião diferente da minha eu não quero tolerar ele. Mas essa tolerância é mais é maquiada, não é? É. A gente sabe que... O que é que faz? A gente não tolera certas pessoas certas coisas, não é? Esse é o próprio, para conceito mesmo, pelo próprio racismo.

Karlos: Sim...

Simara: então esse conceito, ele, ele... Ele traz muito essa questão dá visibilidade ao racismo que já existe. Não é porque o racismo, ele é estrutural para mudar as estruturas acredito que começa de onde um dos sujeitos se encontra, não é? Então, se a gente está aqui, nessa universidade, a gente quer melhorar a educação, né, pelo menos é o que a gente deseja melhorar um pouco a qualidade do ensino. De acabar, né com essas violências, pelo menos diminuir.

Karlos: Quando você vai para o campo, né, para uma escola. Quando você já, já tem seus conceitos formados, você já tem aquele preconceito dentro de você e você não consegue desconstruir. Então você só vai reproduzindo mesmo. E reproduzindo aquilo tudo aquilo. Então acho que fica difícil mesmo vencer essa, né? Quebrar com todo esse preconceito. Porque eu acho que a gente tem que trazer mesmo terreiro para universidade. Eu sei que é difícil trazer isso para a universidade. Porque a gente tendo conhecimento, tendo uma vivência, muitas coisas mudam.

### **Entrevista realizada com Isla – estudante do 5º período – vespertino**

**Religião: Não**

**Data da entrevista: 2/5/2022**

Simara: Qual sua opinião, seu pensamento, sua reflexão a respeito do tema, o racismo religioso e a formação do pedagogo, uma reflexão com os estudantes de pedagogia daqui da UNEB, o que você sabe a respeito dele?

Isla: Eu compreendo racismo religioso como mais uma forma de expressão dentro da estrutura racista que o Brasil tem né... Foi construído a base da colonização de pessoas vindas da África. Então consequentemente tudo que é feito ou produzido pela comunidade negra no Brasil vai sofrer um preconceito.

Simara: E o currículo do curso de pedagogia ele traz algum tema, algum debate, algo sobre o racismo religioso, sobre as religiões de matriz afro-brasileira no quesito de carga horária, alguma disciplina que você já pagou ou até mesmo fora da disciplina?

Isla: Claro que não. É porque é assim, né... não é de interesse da academia discutir sobre isso, né? Já que a o babado todo é feito por uma pessoa, por uma, um tipo de coisa, que é branco, elitista, cristão.

Simara: Então... como o racismo religioso ele se manifesta nas escolas?

Isla: Eu acho que é mais além do manifesto, é reprodução dentro da escola, né... Já que traz isso de casa, do ciclo social que a criança está vivendo, um adolescente, e aquilo é levado pra dentro da escola, aquele mundinho que é a escola. E aí o que acontece? Começa a reprodução. Então se eu tenho uma família que é preconceituosa, que né... Menospreza as religiões matrizes africanas consequentemente dentro da escola ele vai reproduzir isso e se tiver um coleguinha que é da umbanda, do candomblé, ele vai menosprezar, vai fazer de chacota. Em sua maioria é tudo cristão...

Simara: É. No caso já a própria escola faz uma reprodução

Isla: isso, também tem isso.

Simara: e o que você sabe ou penso sobre esse assunto do currículo, do assunto racismo religioso, o que você pensa, o que você sabe sobre?

Isla: Eu penso que não deveria existir, óbvio, né..., mas assim, que se pode fazer o que eu acho, penso mais na prática é como combater, tentar combater. Acho que tentando levar pra essa parte escola é um meio bem interessante, né? Bem significativo se a gente tentar combater o racismo religioso. Pensando assim o que é o racismo religioso ele também é uma forma de violência, consequentemente então isso vai significar além de ofensas verbais pode ser também morte. Eu nunca vi casos assim, mas pode existir né?

Simara: E como a escola deveria tratar esse tema, como você acha que deveria ser tratada?

Isla: creio que o currículo. O currículo é a base do que vai estar dentro da escola, se ele já leva lá..., é... como... Vamos tratar como conteúdo né, as religiões de matriz africanas... mas embasando isso com o Brasil racista que é estruturalmente, isso pode ser bem mais significativo, do que simplesmente chegar lá e dizer que é a religiões de matriz africana as mulher usa um

vestido branco rodado né. Então é muito banal. Ainda é muito banalizado como se fala as religiões matriz africanas dentro da escola. Ou quando se aparece mesmo né?

Simara: no caso quando aparece é de forma banal.

Isla: de forma banal e bem pejorativa.

Simara: e geralmente, geralmente aparece mais ali no dia vinte de novembro, que é o dia da consciência negra. Aí traz algumas questões de afro, fala um pouco sobre a cultura, a comida, essas coisas. E como você se sente com relação ao preparo acadêmico? Para trabalhar em sala de aula ou fora de sala de aula, como você se sente com relação a essa temática?

Isla: preparação nenhuma, né... Aqui, nenhuma. Mas é... se for pra pessoa ser preparada tem que ser por vontade própria aqui na academia literalmente. Eu não digo que me sinto preparada, apesar de tá tentando estudos né, porque quando você vai debater esse tema você automaticamente é repreendido repreendida. Então é aquela né... Você fica num beco sem saída, num mato sem cachorro. De literalmente não ter a formação, partindo da formação, quando chega na atuação pior ainda, porque como já é a reprodução então mesmo você professora, você também pode ser repreendida porque a criança já vai estar lá guinada que aquilo ali é do demônio, então a professora está falando do demônio dentro da sala de aula e aí vem pai, vem mãe. Vem a o corpo docente todinho. Agora se é um assunto que é um a uma criança está sendo abusada, ninguém aparece, né...

Simara: Tem muito também essa questão do poder da fala, né? Quem é que pode falar sobre quem é que deve falar sobre.

Isla: Exato.

Simara: E essa pergunta ela é bem pertinente. O racismo religioso ele existe?

Isla: Sim.

Simara: e o que você pode abordar, como você aborda o que seria o racismo religioso?

Isla: é o racismo religioso é quando um... vamos dizer assim... uma... nesse caso uma religião vai se sobrepor a outra né... Nesse caso o cristianismo sem sombra de dúvidas, porque estamos no Brasil. Então qualquer coisa que for diferente do cristianismo vai ser demonizado... vai dar merda. Entendeu... Vai dar babado.

Simara: e no caso da própria universidade, o que você acha que deveria fazer? Poderia ser feito pra romper?

Isla: tentar trabalhar na formação do docente já a questão do racismo religioso. Primeiro é se identificar como um lugar racista que é a academia, né... E depois tentar estruturar tudo isso, porque além... não é o racismo religioso sozinho... então é uma estrutura racista estar dentro da academia. Além do racismo, antes do racismo religioso, existe o racismo que é estrutural. Então todo e qualquer segmento, né... Vai existir o racismo, que é uma estrutura. E daí aqui dentro seria pegar o currículo primeiro, eu penso muito no currículo depois que você entende aquele documento e a importância dele. E ver ali aquele apanhado de coisas eurocêntricas né... E começar a introduzir. Só que o que que a galera faz muito é não trabalhar interdisciplinaridade das coisas, porque se eu tenho uma disciplina que é antropologia, que é filosofia, é sociologia... aí agora a gente está nas disciplinas de ensino, como é quinto período, e nunca foi trabalhado sequer uma questão do racismo como estrutura, como é que vai estudar o racismo religioso. Então é mais ou menos daí. Tentar colocar né, como obrigatoriedade, ser discutido o racismo estrutural, e aí consequentemente levar isso pra educação com pedagogos ou pós já formados, e os pedagogos em formação e aí pegar esses seguimentos que a gente vai ter dentro do campo formal e não formal. Se a escola, se tem a criança que é do candomblé, que é da Umbanda, o que fazer, né? O que fazer e tudo mais. Acho que é mais ou menos aí. E antes de tudo fazer com que os docentes né... Meus professores e professoras saibam que é o racismo e assumam que o racismo existe. Porque se você chega pra uma ou pra outra ele vai dizer: ah, não existe. E outra: ah, eu também não sou racista. E está praticando racismo dentro da sala de aula nitidamente. Porque quando você vai tentar falar sobre questões racistas eles lhe dão um corte. Né... Eles vão lhe reprimir.

Simara: por mais que exista professores aqui dentro que fale sobre essa temática, são escassos, são bem escassos... a gente conta nos dedos, tem Juraci, tem a professora Ceres e Márcia que fazem o projeto científico que é imagens e histórias dos terreiros daqui de Juazeiro. Então assim são escassos, mas tem, porém de que forma é que está sendo apresentado na pedagogia...

Isla: aí é que tá... na pedagogia tem? Porque eu como formanda em pedagogia... dos professores que eu tive, eu nunca vi ninguém falar sobre isso seriamente... Eles falam: ah o negro... ainda fica com medo. É negro ou é preto? Eu tenho que esperar isso de um doutor, que eu vá responder a eles como é que fala? É sério. Não... Eles são doutores e mestres, eles têm que saber entendeu? Não venha me dizer que é por falta de arcabouço teórico.

**Entrevista realizada com Thais, estudante do 5º período noturno do curso de Pedagogia.****Religião: Não****Data da entrevista: 18/5/2022**

Simara: A pesquisa é para o meu TCC e o tema é O racismo religioso e a formação da/o Pedagoga/o uma reflexão com os estudantes daqui da UNEB. E aí ela conta com estudantes do quinto período e do oitavo. Por que do quinto e o oitavo? Do quinto porque são pessoas que ainda não viram a disciplina Educação e Cultura afro-brasileira, né? Essa disciplina é ofertada a partir do 6º período, então antes de chegar no sexto o que foi que já foi visto sobre essa temática, e no oitavo pra saber como é que essas pessoas estão após ter visto a disciplina, se estão preparados pra lidar... e aí a primeira pergunta que eu tenho feito durante as entrevistas é: o que você pensa ou o que você sabe sobre o racismo religioso?

Thais: Ó, o racismo religioso aqui dentro do campus ele é majoritariamente velado. Primeiro por inexistir a presença de outras religiões que não católica e a evangélica. Então assim... não há um incentivo a essas outras, não há a mesma participação dessas outras entendeu? A manifestação dessas outras. Então eu entendo que essa falta de motivação ela já é de alguma forma um rastro do racismo né?

Simara: Sim.

Thais: Já é diz logo você já não é tão bem-vinda aqui... e assim quando eu entrei aqui eu era ateia. E isso me incomodava muito porque dizer que não tinha uma religião também era... era como se de repente um bicho aqui. Então eu sempre tive mais aceitação entre as pessoas que não tinha uma religião específica, né? Ou não tinha uma religião católica ou cristã... tipo assim eu era... eu era mais aceita entre as religiões que eram excluídas do que as que eram incluídas. Então não tendo uma religião eu comecei a perceber como era a exclusão das religiões aqui dentro.

Simara: Eu também entrei aqui inclusive ateuista.

Thais: Foi!? Então... aí nisso nos eventos eu passei a perceber que alguns sempre tinham representação, uma representação gospel. Uma música, um louvor. Isso me incomodava um pouco porque assim... não é laico? Cadê os outros? Cadê a fala incentivando os outros? E ficava uma coisa muito de nicho. Axé ou alguma coisa do tipo era sempre de quem era da religião matriz africana, entendeu?

Simara: Sim.

Thais: eu não sei se é porque eu sou de conflito, eu sou... se eu digo não, se é pra ser, tem que ser. Tem que ser.

Simara: Se vai falar de uma, fala de todos, né?

Thais: E teve uma situação específica que me incomodou muito. Eu não vou falar assim o evento porque eu acho que ficou muito marcante entendeu? Mas... mas um teve uma representação em que o um a cena ela parecia meio é... ecumênica, ecumênica não, era, era gospel mesmo. Porque ecumênica envolveria outras religiões né? E o cara começou a encenar uma pessoa bêbada, um morador de rua que tinha uma vida fracassada, não sei o quê, e como assim... como se fosse falta de Deus na vida dele, não sei o quê, e assim tudo falta de Deus, falta de Deus, nessa linha está ligado? E muita gente liga os transtornos psiquiátricos como falta de Deus.

Simara: O que não deveria ser, né?

Thais: O que não deveria ser. Porque a ciência está aí mostrando, mas assim ver um ensino... ver uma encenação dessa dentro de uma universidade e não ser contestado, porque ele entrou nessa via do problema mental...

Simara: e falando aqui dentro?

Thais: Foi aqui dentro. E falou que era falta de Deus.

Simara: Foi com estudante? Foi em debate?

Thais: não, era uma encenação, era performance artística num desses eventos que era pra ser diversos entendeu?

Simara: Ah entendi.

Thais: e sabe... você ver isso acontecendo?

Simara: Dentro de um espaço acadêmico né?

Thais: De um espaço acadêmico e ninguém intervir. Aí eu fui lá e não, espera aí, não é bem assim não. Tem gente que para de tomar o remédio acreditando nisso aí que você está falando. E tem gente que tem surto por acreditar em gente em coisas assim.

Simara: coloca a religião acima, né?

Thais: É, coloca a religião acima de você. Aí assim, aí voltando pro teu tema, né? Que eu já divaguei. Então, um ponto, agora, outro ponto que né, de um evento que eu não vejo... que o nome do evento é diversidade, que eu não vejo essa diversidade, que é justamente o que mais acontece é assim... é uma participação mais gospel, mais pentecostal

Simara: a gente estava comentando isso exatamente agora a pouco tempo.

Thais: e a sempre o incentivo de que as pessoas evangélicas participem, mas eu nunca ouvi dizer assim... é... quem for de matriz africana venham, participe e pode tocar, pode cantar, fique à vontade, traga, celebre suas seus Orixás, entendeu... Nunca vi isso, então eu acho que que isso é uma violência simbólica, isso é uma exclusão, um racismo.

Simara: acaba que você foca apenas em uma determinada religião, que é o que a sociedade em si já faz.

Thais: é como você diz: essa existe e essa não.

Simara: e aí a gente vem pra um campo acadêmico pra estudar e tal, na formação de pedagoga, nós vamos pra escolas, outros espaços, né? Que não tem só escola, mas a gente vai pra outros espaços e aí como é que a gente vai lidar com situações? E com relação a essa questão que a gente já vem falando sobre a preparação e tal. Como você acha que acontece o racismo religioso dentro das escolas? Já participou algum projeto do qual vivenciou alguma questão sobre essa temática, em algum espaço escolar, ou no espaço não formal. Como você acha que ele surge? E como isso acontece? Como é que as escolas deveriam lidar com essas questões?

Thais: a respeito dessa temática. Olha, é complexo falar disso porque... isso vem daqui parte daqui, vai pra escola e volta pra aqui. E se retroalimenta. Porque se não há o debate aqui, só há uma disciplina em que trata isso, e não há essa representatividade, não há essa atuação aqui, não. Há essa constância de debate. Como é que você vai chegar na escola e vai atuar sobre isso? Tem que ser o currículo oculto. Mas o currículo oculto só vai ser feito por parte dessas pessoas que se interessarem. Mas assim, o Brasil tem um uma expressividade de pessoas de religião cristã.

Simara: Exatamente.

Thais: o curso de Pedagogia... eu acho que você fazendo uma pesquisa, você percebeu que é predominantemente né? Aí essas pessoas elas vão dar aula. Você acha que elas vão fazer o que na sala de aula? Elas vão ensinar o quê?

Simara: É exatamente isso mesmo. Tem muitas escolas inclusive quando eu fiz parte do PIBID, né, do projeto daqui da UNEB que as a escola a professora iniciava sempre rezando uma musiquinha, né, que era um anjo, era representado por um anjo da guarda, onde esse anjo da guarda ainda era branco, do cabelo loiro cacheado, então é todo uma visão eurocêntrica, inclusive do anjo da guarda. Então de onde essas pessoas saíram né? Saíram daqui e no caso... tu se sentes preparada pra debater sobre essa temática em qualquer espaço educacional, seja informal ou formal.

Thais: Hoje eu me sinto... porque eu acredito... eu acredito em Deus de uma determinada forma, que assim, eu não preciso catequizar ninguém, eu não preciso viver professando e eu penso que ele existe, ele está em mim, ele está em todo mundo entendeu? E eu acredito nas pessoas, então eu posso explicar determinada linha religiosa, explicar que as pessoas tem o direito de acreditar no que elas querem e posso defender o direito dessas pessoas terem a liberdade delas. Então tipo, eu já tive que dar aula... eu substituí uma professora em que ela colocou num plano de aula que era pra começar falando de religião e fazendo oração e falando de religião. Eu não fiz nenhuma das duas entendeu? Primeiro que a oração eu não entendo o que, por quê? Qual era o sentido pedagógico da oração, nunca entendi qual o sentido da oração. É, o sentido pedagógico da oração beleza, você quer manter uma rotina, um ritual, canta uma música pra começar, dar início, né? Sim. A rotina escolar. Mas a oração não entendia quando um pai nosso... eu fui criada dentro da igreja católica e eu não entendi muito bem porque eu achava que Deus não falava comigo porque de fato não falava eu repeti, repeti, repeti, repeti, não tinha aquele... é... eu ficava pensando estou falando sozinha aí e foi assim até a ajudante do AE perguntou: tu é de qual religião? - eu não tenho religião. E tu não acredita em Deus não? Eu disse que não, assim falei naturalmente né?

De repente parecia que eu tinha me transformado numa coisa de outro mundo, né? Mas aí eu fui explicando as coisas, como eu acredito, como as coisas são, entendeu... Como eu acredito nas pessoas e como eu me relaciono com as pessoas, e como eu espero que isso seja visto, né...

Simara: A troca.

Thais: Não, troca não, eu acho que assim as coisas não retornarem pra mim porque acaba sendo uma como é que eu posso dizer? Uma simbiose está ligado?

Simara: Sim eu entendi.

Thais: O que você faz volta?

Simara: Volta.

Thais: Entendeu?

Simara: Entendi.

Thais: Então se eu faço mal eu não vou colher o bem, não tem como

Simara: exatamente, plante o bem e colha o bem.

Thais: é um pensamento lógico, eu não preciso acreditar que existe um Deus que vai castigar o mundo inteiro pra ter um pensamento lógico de que se eu vivo mentindo, que se eu vivo enganando as pessoas eu vou viver cercada de pessoas que vão querer mentir pra mim e me enganar.

Simara: Exatamente.

Thais: é um pensamento lógico. E outra eu tenho uma memória fraquíssima. Se eu mentir depois eu não vou conseguir repetir a mentira. Então pra mim fica mais fácil falar a verdade.

Simara: que é o que deveria ser feito, né... É isso. E com relação a ao currículo daqui, né, você já participou de algum debate, seja ele em sala de aula, ou algum evento dentro da própria universidade, palestras, roda de conversas, qualquer coisa com essa temática ou ela de fato não apareceu.

Thais: Rapaz, deixa eu buscar aqui na minha memória. Teve um evento só durante a greve que eu acho que houve ainda alguma coisa, mas era mais relacionado a representatividade afro do que de fato a a religião. Teve dois na verdade. Teve um antes é um antes na greve e um depois da greve. Um foi com alguns professores da UNIVAS se eu não me engano e é que foram e só que assim parece uma coisa muito no início porque você é como se você soubesse das pessoas que vão nesses eventos, sabe... Já tem as pessoas certas, o público certo. O público. É, justamente. É como se num... sei explicar um apoio as coisas aquelas não acontecem de forma só um pouco. Não, que as pessoas todas se apoiem. Acho que se todos os é coletivo. Entendeu?

Se você observar cada professor, cada núcleo faz um evento só vai professor desse grupo desse grupo, professor desse grupo só vai desse grupo, professor desse grupo só vai...

Simara: você acha que isso parte de do interesse dos estudantes?

Thais: Rapaz eu acho que isso reflete ou reflete mais na questão da não comunicação. Tipo não é, não sei se tipo assim... não é muito divulgado e por isso as pessoas não vão

Simara: ou de fato é divulgado e não tem interesse pelos estudantes?

Thais: Rapaz eu acho que assim aqui a gente está se descobrindo então acaba sendo que os professores acabam sendo meio que um ideal... Entendeu.

Simara: Uhum.

Thais: Que a gente tipo ah eu acho aquela pessoa nossa. Aquela pessoa massa está assistindo a tal coisa. Aquilo deve ser interessante. Então vou lá assistir. Hum tu estás ligado? A gente os tem como referenciais. Deveria ser assim. Só que por não haver esse apoio mútuo entre as os projetos, entendeu... Eu acho que acaba que os alunos ficam indo pelos núcleos que estão. Então assim, não viram a coisa, universidade, vira uma coisa fragmentada. Então quem é aqui sei lá de uma coisa não vai bater pra essa coisa.

Simara: e com relação a ao racismo religioso você acredita que ele existe?

Thais: Existe. Claro que existe.

Simara: E tu poderia apontar fatos que represente alguma vivência inclusive que esteve durante o seu curso ou que você vivenciou em algum outro espaço?

Thais: Então é isso tiveram muitas..., mas é porque eu sempre levei muito no deboche coisa de falar qualquer coisa Deus é mais sabe... É... eu sei que é desrespeitoso mas as vezes eu ficava cantando: deixa a gira girar, ôh gira, gira, gira... porque assim se eu sou obrigada a ouvir louvor direto as pessoas também tem que ser.

Simara: É isso, obrigada.

## ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH III  
Colegiado de Pedagogia

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(TERMINOLOGIA OBRIGATÓRIO EM ATENDIMENTO A RESOLUÇÃO 196/96-CNS-MS)

Título da Pesquisa: O RACISMO RELIGIOSO E A FORMAÇÃO DO (A) PEDAGOGO (A) – UMA REFLEXÃO COM ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNEB DCH III

Nome do (a) Pesquisador (a): SIMARA SOARES NUNES

Nome do (a) Orientador (a): Dra. AURILENE RODRIGUES

**1. Natureza da pesquisa:** o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade de refletir acerca do tema O RACISMO RELIGIOSO E A FORMAÇÃO DO (A) PEDAGOGO (A) – UMA REFLEXÃO COM ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNEB DCH III

**2. Participantes da pesquisa:** 6

**3. Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo a sra (sr.) permitirá que o (a) pesquisador (a) (...). A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.) (...). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

**4. Sobre as entrevistas:** (se houver, especificar como serão realizadas).

**5. Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas (especificar aqui possíveis riscos e desconfortos gerados durante a pesquisa). Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

**6. Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e seu (sua) orientador (a) (e/ou equipe de pesquisa) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

**7. Benefícios:** ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre (...), de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa (...), onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

**8. Pagamento:** a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

**Obs:** Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

#### **Consentimento Livre e Esclarecido**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Nome do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Orientador

**Pesquisadora:** Simara Soares Nunes – 74 9 91434199  
**Orientadora:** Aurilene Rodrigues Lima – 74 9 8815-8920